



Universidade de Lisboa  
Faculdade de Motricidade Humana



## Relatório Final de Estágio realizado no Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre

Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em  
Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

**Orientador de Escola:** Licenciado João Henrique Vieira Casqueiro

**Orientador de Faculdade:** Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre

Júri:

Presidente

Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre, Professor Associado  
da Faculdade de Motricidade Humana

Vogais

Doutora Maria João Figueira Martins, Professora Auxiliar da  
Faculdade de Motricidade Humana

Licenciado João Henrique Vieira Casqueiro, Professor Especialista na  
Escola Secundária Dona Filipa de Lencastre

Ana Rita Amaro Fialho

2015

*“ Não se aprende bem a não ser pela experiência ”*

Francis Bacon

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, aos meus alunos que colaboraram sempre comigo nesta experiência.

Ao professor João Casqueiro pelo acompanhamento e orientação ao longo de todo este processo de formação.

Ao professor Marcos Onofre pela transmissão de conhecimentos, orientação e apoio.

À professora Ana Madeira pela disponibilidade demonstrada em acompanhar o seu trabalho na direção de turma.

À professora Maria do Carmo pela oportunidade de a acompanhar no núcleo de Desporto Escolar.

Aos meus colegas de estágio, Sérgio Lobo e Marcos Ramalheira, que sempre colaboraram comigo e me apoiaram nos momentos de maior dificuldade.

Aos professores do Departamento de Educação Física pela disponibilidade, apoio e cooperação sempre demonstrados.

A todo o pessoal docente e não docente do Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre que recebeu da melhor maneira o núcleo de estágio e sempre se mostrou disponível em colaborar connosco.

Aos meus pais que sempre me apoiaram, aconselharam e permitiram também que esta experiência de formação fosse possível.

Ao Marco, pela paciência, apoio e compreensão.

## Resumo

O presente relatório assume-se como uma reflexão relativa ao processo de estágio pedagógico, inserido no mestrado em ensino da educação física nos ensinos básico e secundário, da Faculdade de Motricidade Humana, desenvolvido no ano letivo de 2013/2014.

Todo o processo de estágio foi realizado no Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre e teve como base o Guia de Estágio Pedagógico, onde se encontram discriminados os objetivos e competências a adquirir nas quatro áreas de intervenção: área 1 – organização e gestão do ensino e da aprendizagem; área 2 – inovação e investigação; área 3 – participação na escola; e área 4 – relação com a comunidade.

Esta reflexão foi elaborada tendo em conta a realização da prática pedagógica e a formação da professora estagiária. Ao nível da prática pedagógica serão descritas e analisadas as atividades desenvolvidas no âmbito do planeamento, conceção desse planeamento e a avaliação do que foi realizado. Em relação à formação da professora estagiária serão apresentadas as necessidades iniciais de formação e ainda, as dificuldades sentidas ao longo do ano letivo e as estratégias aplicadas para as ultrapassar.

Por último, realizarei uma reflexão final sobre todo o processo de estágio e o contributo que o mesmo teve para a minha formação como futura docente da disciplina de Educação Física.

**Palavras-chave:** Desporto Escolar, Direção de Turma, Educação Física, Supervisão Pedagógica, Estágio Pedagógico

## **Abstract**

This report is assumed as a reflection on the process of teaching practice, included as the main curricular unit in the master's degree in teaching physical education in elementary and high school education, at the Faculty of Human Kinetics, and developed during the academic year 2013/2014.

The internship process was conducted in the Agupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre and was based on the Teacher Training Guide, where there are discriminated objectives and skills to be acquired in four areas: Area 1 - organization and management of education and learning; Area 2 - innovation and research; Area 3 - participation in school; and area 4 - relationship with the community.

This reflection was prepared considering the realization of teaching practice and the training of trainee teacher. In terms of pedagogical practice are described and analyzed the activities carried out under the planning, design and planning of this assessment of what was done. Regarding the training of trainee teacher initial training needs and also the difficulties experienced throughout the school year and the strategies applied to overcome them will be presented.

Finally, will perform a final reflection on the whole process of the internship and the contribution that it had for my teaching future as a teacher of Physical Education.

**Key-words:** Direction Class, Pedagogical Supervision, Physical Education, School Sports, Teaching Practice

## Índice

1. Introdução.....	1
2. Contextualização .....	2
2.1. Espaços.....	2
2.2. Comunidade Educativa.....	6
2.3. Alunos .....	10
3. Realização da prática pedagógica .....	13
3.1. Planeamento .....	14
3.2. Conceção .....	19
3.3. Avaliação.....	33
4. A formação pedagógica da professora estagiária .....	39
4.1. Expectativas e necessidades iniciais de formação.....	40
4.2. Dificuldades sentidas e estratégias aplicadas.....	43
5. Reflexão Final.....	50
Bibliografia.....	53
Anexos .....	55

## **Índice de Anexos**

Anexo 1 – Projeto Educativo

Anexo 2 – Protocolo de Avaliação Inicial

Anexo 3 – Programa do Desporto Escolar 2013-2017

Anexo 4 – Ficha Individual do Aluno

Anexo 5 – Grelha de Observação

Anexo 6 – Plano Anual de Turma

Anexo 7 – Plano 2ª Etapa (Aprendizagem e Desenvolvimento)

Anexo 8 – Balanço da 2ª Etapa

Anexo 9 – Plano de 3ª Unidade de Ensino

Anexo 10 – Plano de aula

Anexo 11 – Ficha de observação de aula

Anexo 12 – Projeto de Acompanhamento do Desporto Escolar

Anexo 13 – Projeto da Atividade do Terraço

Anexo 14 – Projeto Acompanhamento da Direção de Turma

Anexo 15 – Estudo de Turma

Anexo 16 – Projeto da Atividade do Inatel

Anexo 17 – Ficha de Avaliação Formativa

Anexo 18 – Balanço de Etapa

Anexo 19 – Critérios de avaliação

Anexo 20 – Ficha de avaliação da apresentação (área 2)

Anexo 21 – Ficha de presenças (terraço)

Anexo 22 – Balanço da Atividade do Inatel

Anexo 23 – Plano Individual de Formação

## 1. Introdução

O presente relatório foi desenvolvido com o intuito de apresentar uma análise e reflexão sobre todo o processo de estágio realizado no Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre durante o ano letivo 2013/2014, no âmbito do mestrado em ensino da educação física nos ensinos básico e secundário, da Faculdade de Motricidade Humana. A elaboração deste documento, que teve como base o Guia de Estágio, permitiu uma análise e reflexão mais detalhada sobre todas as atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo e que tinham como objetivo o culminar num processo de formação positivo e que preparasse o professor estagiário para a sua futura carreira docente.

Na perspetiva de considerar que o processo de estágio deve ser visto e compreendido como um todo, apesar de se encontrar dividido em quatro áreas com objetivos totalmente distintos, optei por apresentar uma estrutura que garantisse isso mesmo. Assim, e ao nível da realização da prática pedagógica, considero que é necessário realizar três atividades que são transversais a todas as áreas do estágio: o planeamento, a conceção desse próprio planeamento e a avaliação do que foi realizado. Deste modo, e depois de na primeira parte do relatório fazer referência à contextualização do local onde foi desenvolvido o estágio, apresento uma análise reflexiva das três atividades referidas anteriormente.

Mas a formação do professor estagiário, que o deve habilitar profissionalmente para o desempenho de todas as atividades inerentes à função profissional de um professor de Educação Física, deve ser presenciada com dificuldades e novos desafios que garantam a evolução da sua aprendizagem. Deste modo, e na terceira parte deste relatório apresento as expetativas e as necessidades iniciais de formação que foram identificadas assim como o conjunto de dificuldades com as quais me fui deparando ao longo do ano letivo, no âmbito das quatro áreas do estágio, e as estratégias que apliquei para as ultrapassar.

A reflexão final que é apresentada, que no fundo acaba por ser um balanço da minha aprendizagem, tem como objetivo analisar todo o percurso que fui traçando ao longo do ano letivo e apresentar um conjunto de ilações que serão certamente úteis para o futuro.



## **2. Contextualização**

### **2.1. Espaços**

O estágio pedagógico a que este relatório se refere foi desenvolvido no Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre, que, de acordo com o Projeto Educativo do mesmo (Anexo 1), entrou em funcionamento no ano letivo de 2007-2008, sendo constituído pelo 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico e pelo ensino secundário e em 2009-2010 passou a integrar também o Jardim-de-infância António José de Almeida. A Escola Secundária D. Filipa de Lencastre, sede do Agrupamento, resultou da transformação do Liceu Dona Filipa de Lencastre, que se inscrevia na tradição do ensino liceal feminino.

Em relação à localização, o Agrupamento situa-se no Bairro do Arco do Cego, integrando a Freguesia de S. João de Deus, e tem na sua proximidade o Instituto Superior Técnico, o Instituto Nacional de Estatística, a Casa da Moeda e a sede da Caixa Geral de Depósitos.

Em 2008-2009, no âmbito do projeto governamental de requalificação do Parque Escolar do país, os edifícios do agrupamento sofreram obras de recuperação, tendo sido reinaugurados a 5 de Outubro de 2010. Com a conclusão das obras, o edifício central ficou assim destinado ao funcionamento do 3º ciclo e ensino secundário, o edifício norte ao 2º ciclo e o edifício sul ao 1º ciclo.

As obras que foram realizadas levaram à construção de edifícios mais modernos, possuindo assim o edifício central, para além das salas de aulas e dos laboratórios de Biologia/Geologia, Física e Química, os ginásios e o terraço polidesportivo, a biblioteca, a sala de professores, a loja escolar, o bar, o refeitório e os diversos gabinetes (e.g. gabinete de diretores de turma, gabinetes de atendimento de Encarregados de Educação, gabinete de informação e apoio ao aluno). Foi neste edifício central que praticamente todo o estágio pedagógico foi desenvolvido, no entanto, para o desenvolvimento de cada uma das áreas do estágio determinados espaços foram alvo de maior concentração. Assim, e para o desenvolvimento da área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem, que remete essencialmente para o planeamento, condução das aulas e avaliação dos alunos, os espaços mais utilizados foram naturalmente os ginásios, o terraço e o gabinete do Departamento de Educação Física. Relativamente aos espaços desportivos, o Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre dispõe de quatro espaços interiores – Adelaide, Sena, Ginásio C e Ginásio D – e um exterior – Terraço. Os ginásios Adelaide e Sena são idênticos e apesar de à primeira vista apresentarem excelentes condições, os mesmos não são

funcionais quando é necessário colocar em prática trinta alunos, devido às reduzidas dimensões que apresentam. O que ajuda a colmatar esta dificuldade é a existência de um corredor, ao lado dos ginásios, onde se encontram oito mesas de ténis de mesa e que podem ser utilizadas pelos alunos durante o período das aulas. Estes dois ginásios ainda dispõem de uma varanda na qual se realiza o teste de Velocidade (40 metros) que, devido também às dimensões dos ginásios, não pode ser realizado no interior dos mesmos. O ginásio D é especialmente utilizado para as aulas do 2º ciclo pois o teto é mais baixo e as tabelas de basquetebol encontram-se a uma altura menor em comparação com as dos ginásios do piso superior (Adelaide e Sena). Tal como os outros dois ginásios já descritos anteriormente, o ginásio D também não é funcional visto que apresenta as mesmas dimensões que o Adelaide e o Sena. Relativamente ao Ginásio C, este tem características particulares pois nele não podem ser realizados jogos desportivos coletivos ou jogos pré-desportivos com bola devido ao espelho que se encontra ao longo de uma das paredes. Assim, este ginásio é utilizado essencialmente para a lecionação de atividades gímnicas, *badminton* e salto em altura. Foi neste ginásio que optei por lecionar também as matérias de Dança – Valsa e Aeróbica – uma vez que tinha o espelho e os alunos podiam acompanhar os seus movimentos e criar assim, uma ideia mais real do seu desempenho nestas matérias. O espaço desportivo exterior de que o Agrupamento dispõe é aquele que tem as melhores condições em termos espaciais uma vez que é bastante amplo, apresentando as dimensões oficiais de um campo de futsal/andebol. Neste espaço é possível ainda realizar basquetebol uma vez que possui três campos marcados. O professor que se encontra, de acordo com a rotação dos espaços, no ginásio C tem prioridade para utilizar este espaço, no entanto, em dias de chuva ou com bastante humidade o mesmo não pode ser utilizado visto que o piso é bastante escorregadio. Durante a minha prática pedagógica este espaço foi utilizado apenas três vezes ao longo de todo o ano letivo devido às más condições climatéricas que se fizeram sentir e também ao intenso calor que depois se instalou nos meses de Abril e Maio, e que se tornava mais forte precisamente na hora da aula – doze horas.

Uma mais-valia deste Agrupamento é o facto de a maioria dos espaços desportivos serem polivalentes, ou seja, de acordo com Jacinto, Comédias, Mira e Carvalho (2001, p. 23), espaços que admitem a possibilidade de se realizarem atividades de aprendizagem de todas as áreas ou subáreas constituintes do Programa Nacional de Educação Física (PNEF), à exceção do Ginásio C e ainda, o facto de a rotação dos espaços incluir o espaço exterior como alternativa ao ginásio C, como já foi referido, garantindo assim que mesmo com condições climatéricas adversas os alunos têm um espaço interior onde pode ser lecionada a sua aula prática.

Relativamente à rotação dos espaços, esta foi definida no início do ano letivo pelo Departamento de Educação Física e está organizada num ciclo de quatro semanas que permite aos alunos a sua passagem por todos os espaços desportivos. Estes dois aspetos apresentados anteriormente são de extrema importância para garantir a contínua aprendizagem dos alunos nas diversas matérias pois durante o ciclo de quatro semanas definido, os professores, devido à já referida polivalência dos espaços, podem continuar o trabalho realizado na aula anterior. Durante o estágio e no desenvolvimento da área 1 verifiquei isso mesmo, pois devido à rotação dos espaços e à sua polivalência, o planeamento de unidades de ensino foi muito mais facilitado, pois em três dos quatro ginásios podia abordar as mesmas matérias, garantindo a continuidade do trabalho realizado aula após aula.

O gabinete de Educação Física, que se situa no piso inferior, próximo dos ginásios D e C, também foi um espaço utilizado para o desenvolvimento da área 1, essencialmente ao nível do planeamento e, apesar de indiretamente, também ao nível da condução. Neste gabinete encontravam-se vários manuais da disciplina de Educação Física aos quais diversas vezes recorri para retirar exercícios e progressões de aprendizagem e também informação relativa às matérias a serem abordadas nas aulas e que transmitia depois aos alunos durante as fases de instrução e no feedback relativo ao seu desempenho.

Para o desenvolvimento dos objetivos definidos no Guia de Estágio para a área 2 – Inovação e Investigação – os espaços essencialmente utilizados foram a Sala de Professores, o Gabinete de Diretores de Turma e o Gabinete do Departamento de Educação Física. O primeiro espaço referido anteriormente situa-se no edifício principal e nele estão à disposição dos professores alguns computadores e várias mesas de trabalho que permitem para além disso, o convívio entre os docentes do Agrupamento. Foi nesta sala que diversas vezes o núcleo de estágio reuniu para desenvolver o seu relatório de investigação, sendo para isso muito útil o acesso à internet disponível nos computadores. Em relação ao Gabinete dos Diretores de Turma, foi neste espaço que o núcleo de estágio conseguiu ter acesso à lista de diretores de turma que foi essencial para a escolha da amostra, ou seja, para a seleção das turmas cujos diretores de turma ou secretários do mesmo fossem professores do Departamento de Educação Física, com os quais o contacto era muito mais facilitado. Tal como a Sala de Professores, o Gabinete do Departamento de Educação Física também dispõe de computadores com acesso à internet e por isso também foram diversas vezes utilizados para a recolha dos questionários que foram entregues pelos encarregados de educação por correio eletrónico. Também neste espaço o núcleo de estágio reuniu diversas vezes para refletir, discutir novas ideias e

desenvolver assim o relatório de investigação. Para a apresentação pública do relatório foi utilizado o Anfiteatro que se encontra também no edifício central e que foi gentilmente cedido pela direção do Agrupamento.

No âmbito da área 3 – Participação na Escola –, e como já foi referido neste documento, foi dinamizado o núcleo do Desporto Escolar de Basquetebol Infantil masculino e uma ação de intervenção adaptada às características e necessidades específicas da escola. Deste modo, os treinos do núcleo de basquetebol ocorreram desde o seu início (Outubro) até ao final do mês de Novembro no Ginásio D uma vez que os cestos se encontram mais baixos relativamente aos dos ginásios do piso superior (Adelaide e Sena) e são mais indicados para alunos do segundo ciclo (5º e 6º ano). Após o primeiro encontro, no dia 23 de Novembro, os treinos passaram a ocorrer num dos ginásios do piso superior uma vez que a altura das tabelas se assemelhava às do local onde se realizavam os encontros/competições. Em relação à ação de intervenção desenvolvida durante todo o ano letivo e uma vez que esta tinha de ir ao encontro de necessidades específicas da escola, o núcleo de estágio, juntamente com os colegas estagiários da Lusófona, teve em conta as condições espaciais que o próprio Agrupamento apresenta, mais especificamente o edifício sede, uma vez que as mesmas não facilitam o convívio entre os alunos durante os intervalos ou nos seus tempos livres na escola. O edifício sede apresenta assim um espaço exterior quase inexistente, levando os alunos, principalmente do 3º ciclo, visto que não podem sair da escola durante os intervalos, a concentrarem-se nos corredores, local onde apenas existem alguns bancos perto da porta das salas de aula. Esta concentração era visível cada vez que chegava à escola durante o tempo de intervalo e tinha que passar pelos corredores cheios de alunos até chegar aos ginásios. Neste percurso passava também pelo bar, outro espaço de convívio disponível para os alunos, no entanto, era também visível o pouco espaço que o mesmo oferecia para um ratio de cerca de 700 alunos (3º ciclo e secundário). Ainda em relação ao espaço exterior que a escola possui, a área em frente à porta principal da escola-sede foi vedada ao trânsito automóvel, no entanto continua a ser um espaço público mas que não deixa de ter extrema importância para espaço de recreio dos alunos uma vez que o pátio interior tem uma área bastante reduzida e não pode ser utilizado durante as atividades letivas pelo facto de muitas das salas terem as suas janelas viradas para esse espaço. Assim, e devido às razões apresentadas anteriormente, a atividade desenvolvida permitia aos alunos frequentarem o espaço desportivo exterior da sua escola – o terraço – e ainda praticarem atividade física através da dinamização realizada pelos dois núcleos de estágio envolvidos nesta ação.

Em relação às atividades inerentes à direção de turma, que constituem a área 4 do estágio pedagógico, estas foram desenvolvidas essencialmente no Gabinete de Diretores de Turma, que já foi descrito anteriormente, e no qual tinha acesso aos computadores para lançar as classificações dos alunos no programa informático Inovar. Relativamente ao gabinete de atendimento de Encarregados de Educação, nunca tive acesso ao mesmo uma vez que durante todo o ano letivo o horário de atendimento estabelecido pela diretora de turma coincidiu com a hora a que lecionava aula à turma do 11<sup>º</sup>A, sendo assim impossível estar presente. Para as reuniões de conselho de turma e com os Encarregos de Educação foram utilizadas salas de aula do edifício sede.

Transversal a todas as áreas do estágio pedagógico, à exceção da área 2, foi a atividade que levou os alunos a conhecerem o Estádio 1<sup>º</sup> de Maio, no qual realizaram diversas atividades desportivas nos espaços disponibilizados pelo Inatel, nomeadamente, rugby, orientação, jogos tradicionais, ténis e minigolfe.

## **2.2. Comunidade Educativa**

A comunidade educativa do Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre começou por receber os estagiários da melhor forma possível, mostrando-se sempre disponíveis, tanto professores, como auxiliares de ação educativa e até os encarregados de educação, para nos auxiliar nas atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo.

Durante todo o estágio pedagógico o maior contacto com o pessoal docente passou pelos professores do departamento de Educação Física, que foram essenciais para a troca de experiências e novas ideias, permitindo a observação de algumas das suas aulas e até a lecionação das mesmas no âmbito do Professor a Tempo Inteiro, atividade integrada na área 1 do estágio. Mais concretamente, este departamento foi constituído por dez professores, que lecionam aulas a turmas desde o 2<sup>º</sup> ciclo ao ensino secundário, e por seis estagiários, três do núcleo de estágio da Faculdade de Motricidade Humana e os restantes da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Para o planeamento e consequente condução das aulas, foi essencial para mim, como estagiária, participar nas reuniões realizadas no início do ano letivo, onde conheci os documentos orientadores de todo o trabalho deste departamento, sendo eles, o Projeto Curricular de Educação Física, os Referenciais de Avaliação, o Plano Anual de Atividades do Departamento, o Projeto Curricular do Agrupamento, o Regulamento Interno da Escola e o PNEF. Como já foi referido anteriormente, todos

estes documentos foram analisados nas primeiras reuniões do departamento e por isso foi possível ao grupo de estágio verificar que não existia um Protocolo de Avaliação Inicial que, de acordo com Jacinto, Comédias, Mira e Carvalho (2001, p.25), deve ser construído com a participação de todos os elementos do Departamento de Educação Física, sintetizando/aproveitando experiências pessoais e coletivas. Deste modo, o Protocolo de Avaliação Inicial (Anexo 2) foi construído pelo núcleo de estágio, tendo como base as orientações do PNEF, e no decorrer do ano letivo, após a sua aplicação, o mesmo foi apresentado e discutido em reunião de Departamento com o objetivo de serem integradas outras matérias e corrigidos alguns objetivos que foram selecionados como representativos de um ou outro nível de desempenho.

Ainda para o desenvolvimento da área 2, os professores deste departamento foram de extrema importância uma vez que foram alguns deles, como diretores de turma, que estabeleceram o contacto com os encarregados de educação de modo a estes colaborarem através do preenchimento do questionário aplicado.

No âmbito do Desporto Escolar, cada professor é responsável por um ou mais núcleos, apresentando o Agrupamento, neste aspeto, um vasto leque de opções aos seus alunos, pois foram criados, no total, durante todo o ano letivo, os seguintes núcleos: voleibol, futsal, basquetebol, *badminton*, ténis de mesa, tiro com arco e ginástica acrobática. Cada estagiário acompanhou um núcleo, tendo eu escolhido o de basquetebol masculino, para o escalão de infantis, o que me permitiu adquirir mais conhecimento relativo a uma matéria sobre a qual não me sentia muito à vontade na sua lecionação. De acordo com o Programa de Desporto Escolar de 2013-2017 (Anexo 3), este tem como objetivo aprofundar as condições para a prática desportiva em meio escolar, como estratégia de promoção do sucesso educativo e de estilos de vida saudáveis e por isso é de salientar a importância da existência destes núcleos que permitem aos alunos a prática de uma atividade física gratuita, num espaço que eles já conhecem e para o qual não se têm de deslocar fora do seu horário escolar. Nesse aspeto o Agrupamento facilita isso mesmo, pois os treinos ocorreram à hora de almoço, permitindo aos alunos ocupar o seu tempo livre entre as aulas da manhã e as da tarde.

Ainda em relação à participação nas atividades da escola, o núcleo de estágio esteve sempre presente na realização dos torneios inter-turmas, que são organizados pelo grupo de Educação Física, e que ocorreram no final de cada período, envolvendo todos os alunos da escola, desde o 1º ciclo (4º ano) até ao ensino secundário. Os torneios realizados foram de Voleibol, Basquetebol e Futsal, que ocorreram no final do 1º, 2º e 3º período, respetivamente e a participação nos mesmos foi uma mais-valia para a minha formação pois permitiu-me perceber toda a logística que se encontra por

detrás da organização destes torneios e que será bastante útil no futuro. Pude constatar ainda que a adesão dos alunos do Agrupamento a estas atividades desportivas é bastante significativa, existindo praticamente, em todos os torneios organizados, duas equipas (a feminina e masculina/mista) por turma.

Em relação ao núcleo de estágio da Faculdade de Motricidade Humana que desenvolveu a sua formação neste Agrupamento, foi constituído por três estagiários, todos licenciados nessa instituição, no curso de Ciências do Desporto. Dois estagiários lecionaram aulas a uma turma do 11º ano e outro a uma turma do 9º ano, sendo todas elas bem distintas no que diz respeito ao empenho, motivação, nível de desempenho e disciplina. Este facto possibilitou, no âmbito da área 1, a utilização de diversas estratégias de ensino, por um e por outro estagiário, tendo em conta as características da sua turma, a aplicação de diferentes situações de aprendizagem e de organização das aulas e, ainda, a utilização de diferentes métodos de controlo da disciplina. O facto de o estágio pedagógico ser desenvolvido no seio de um núcleo teve diversas vantagens como a troca de experiências e ainda o suporte que encontrámos uns nos outros quando sentimos dificuldades em pôr em prática o que tínhamos planeado ou quando as coisas corriam menos bem. A observação das aulas dos colegas de estágio permitiu não só ter contacto com turmas com características completamente distintas, como já foi referido, assim como identificar as dificuldades dos colegas e, posteriormente ajudar a ultrapassá-las. No desenvolvimento de todas as áreas do estágio, os elementos do núcleo foram sempre cooperantes e reuniram imensas vezes para discutir novas ideias, experiências, dificuldades e estratégias a aplicar para as ultrapassar.

A presença de um outro núcleo de estágio, proveniente da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, também constituído por três estagiários, permitiu a troca de experiências e de diferentes ideias, tanto ao nível da formação inicial de cada um dos núcleos como ao nível das estratégias e situações de aprendizagem aplicadas nas suas aulas, e ainda, o desenvolvimento de atividades em conjunto, como a do terraço e o planeamento e organização do torneio inter-turmas de basquetebol.

Também como parte integrante da comunidade educativa encontramos os encarregados de educação que, de acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento, encontram-se organizados em três Associações de Pais e Encarregados de Educação: Associação de Pais e Encarregados de Educação do Jardim-de-infância António José de Almeida; Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Básica S. João de Deus (alunos do 1º ciclo) e a Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Secundária D. Filipa de Lencastre (alunos do 2º e 3º ciclo e do

ensino secundário). Ao longo do estágio a participação dos encarregados de educação foi de extrema importância, não só para o desenvolvimento do relatório de investigação (área 2) como também ao nível da direção de turma. Através das reuniões com os encarregados de educação, realizadas sempre no início de cada período letivo, conseguia estabelecer contacto com os mesmos esclarecendo algumas das suas dúvidas, transmitidas pelos seus educandos, relativas a diversas decisões que foram postas em práticas pelo núcleo, nomeadamente ao nível dos novos critérios de avaliação da disciplina. Foi apenas durante estas reuniões que tive o contacto direto com os encarregados de educação da turma a que lecionei as aulas durante o ano letivo, pois não conseguia estar presente no horário de atendimento da diretora de turma uma vez que coincidia com o horário da aula da turma. Em relação ao relatório de investigação, cuja participação e colaboração dos encarregados de educação era fundamental, a mesma não foi muito significativa, facto que limitou os resultados obtidos e consequentemente a conclusão geral do estudo. No entanto, e de acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento, um dos pontos fortes apontados é o envolvimento dos pais e encarregados de educação no acompanhamento do quotidiano dos seus educandos que cria, como oportunidades, a promoção de projetos/atividades por pais e encarregados de educação.

No âmbito da direção de turma, a professora Ana Maria Madeira, diretora de turma do 11º A mostrou-se sempre bastante disponível para me transmitir todas as informações relacionadas com a turma, como a participação de alunos em atividades de voluntariado, para me fornecer todos os documentos inerentes à direção de turma e ainda colaborou com o núcleo de estágio durante a atividade que foi desenvolvida no Inatel. Com os restantes professores da turma estabeleci contacto durante as reuniões de conselho de turma, onde eram apresentadas as classificações dos alunos nas diferentes disciplinas e discutidos outros assuntos de foro pedagógico.

Para o desenvolvimento da minha prática pedagógica foi ainda essencial a colaboração da Dona Sónia, funcionária responsável por fornecer o material necessário para cada aula e que nos recebia todos os dias com grande simpatia e alegria. Era junto da Dona Sónia que antes de cada aula escrevia na folha respetiva o material que necessitava para a aula e que antes do início da mesma já se encontrava no ginásio, em condições para ser utilizado. A meu ver, esta estratégia de escrever o material que cada professor necessita para a sua aula é bastante boa pois facilita em muito não só o trabalho à Dona Sónia, que sabe exatamente o que cada professor precisa e para que horas, como também ajuda no controlo do material, pois no final da aula o professor tem que devolver o mesmo número de material que requisitou.



### **2.3. Alunos**

No Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre, de acordo com o seu Projeto Educativo, estavam matriculados no ano letivo de 2010-2011 um total de 1448 alunos distribuídos desde a pré-escolar ao ensino secundário. Ainda de acordo com o documento anteriormente referido, e relativamente ao tecido social no qual o agrupamento se insere, a população escolar que o frequenta, provém, para além da cidade de Lisboa, de áreas diversificadas como as do concelho de Almada, Amadora, Loures e Vila Franca de Xira. Esta situação deve-se ao facto de o Agrupamento se encontrar inserido num espaço de fraca pressão residencial e de forte concentração de atividades terciárias, levando a que a sua área de influência ultrapasse os limites da sua zona pedagógica.

Também de acordo com o Projeto Educativo, a missão do Agrupamento é proporcionar aos alunos um percurso escolar de sucesso e de excelência e para isso deve ser desenvolvida uma prática alicerçada nos seguintes valores: Educação para a pesquisa e rigor científicos; Educação para a inovação e criatividade; Educação para a responsabilidade e autonomia e Educação para a cidadania. Como estratégia de ação para garantir estes valores, é necessário estruturar as bases do conhecimento científico, tecnológico e cultural, impulsionar a pesquisa/investigação, reforçar a Língua Portuguesa como veículo de aprendizagem de todas as outras áreas curriculares, perspetivar a Matemática como instrumento transversal das diferentes aprendizagens, contribuir para a formação responsável do pré-adolescente, do adolescente e do jovem, articular a escola com a família nos aspetos determinantes para a educação do jovem no âmbito da aquisição de valores, atitudes e comportamentos cívicos e educacionais, reforçar a liderança dos professores, integrar os jovens na escola, proporcionar um ambiente de motivação, exigência e gratificação e por último, tornar a escola dinâmica através do estímulo à ética e ao diálogo intercultural. Ao longo do ano letivo que passei neste Agrupamento diversas atividades foram desenvolvidas com o objetivo de cumprir a estratégia de ação apresentada anteriormente. Vários foram as atividades que os alunos desenvolveram no âmbito do voluntariado (recolha de alimentos para o banco alimentar, recolha de comida para animais, recolha de fraldas e mantas para um lar de idosos) e também da ciência, sendo os alunos do ensino secundário do curso de ciências responsáveis pela dinamização da Semana das Ciências, nos laboratórios de Biologia, apresentando experiências aos seus colegas mais novos, do 2º e 3º ciclo. Foi ainda desenvolvido no Agrupamento o Programa Comenius que tem como objetivos o desenvolvimento do

conhecimento e a sensibilização dos jovens e do pessoal educativo para a diversidade e para o valor das culturas e das línguas europeias e ainda, ajudar os jovens a adquirir aptidões e as competências básicas de vida, necessárias ao seu desenvolvimento pessoal, à sua futura vida profissional e a uma cidadania europeia ativa.

Relativamente aos alunos com necessidades educativas especiais (NEE), o Agrupamento assegura o apoio destes alunos por três docentes de educação especial que desenvolvem a sua atividade de forma articulada com os professores/Diretores de Turma (DT) e os Encarregados de Educação. O facto de na turma a que lecionei as aulas durante o estágio existir uma aluna com NEE permitiu-me verificar, de perto, esta situação pois em todos os conselhos de turma estava presente, para além dos professores e da DT, a professora de educação especial que tinha como objetivo conhecer a situação da aluna nas diferentes disciplinas assim como apresentar e discutir algumas estratégias a adotar pelos professores para facilitar o processo de aprendizagem da aluna. Para além do apoio aos alunos com NEE, o Agrupamento assegura ainda atividades de esclarecimento, orientação vocacional e apoio aos alunos através da articulação entre os diretores de turma e a psicóloga estagiária do Serviço de Psicologia e Orientação (SPO). Este apoio também foi possível de verificar na minha experiência pedagógica pois diversos alunos da turma do 11ºA foram identificados pela DT como alunos que deveriam integrar outras áreas de estudo ou outro tipo de ensino, como o ensino profissional, e que foram acompanhados pela psicóloga.

No âmbito da área 1 do estágio lecionei as aulas de Educação Física a uma turma do 11º ano do curso de Ciências e Tecnologias, o 11ºA. A turma era constituída inicialmente por 24 alunos mas no início do 2º Período uma aluna mudou de área de estudos e a turma passou a ser de 23 alunos, 10 rapazes e 13 raparigas, com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos. A constituição da turma já provinha do ano anterior tendo sido as aulas de Educação Física lecionadas, nesse ano letivo, pelo professor orientador, o que facilitou por vezes a compreensão e até previsão de certos comportamentos desenvolvidos no seio da turma. Como já foi referido anteriormente, a turma integrava uma aluna com NEE de carácter permanente decorrentes do domínio emocional que apresentava alguma ansiedade e dificuldades na expressão escrita e na resolução de problemas, sendo por isso fundamental incentivá-la e utilizar o reforço positivo para melhorar o seu nível de interpretação e participação, assim como o desenvolvimento da sua autoestima. No âmbito das aulas de Educação Física, e visto que é mais requerido o domínio motor, a aluna não apresentava dificuldade, mostrando-se sempre empenhada e participativa nas atividades de aprendizagem que lhe eram propostas, no entanto tive sempre em conta o referido anteriormente,

utilizando frequentemente o reforço positivo para garantir a continuação do seu empenho e assim a evolução da sua aprendizagem. Ao nível do desempenho, a turma era um pouco heterogénea, sendo possível distinguir claramente três grupos com nível de desempenho diferente e que se mantinham nas diversas matérias. Existia um grupo de alunos com um desempenho mais fraco e que apresentava dificuldades na maioria das matérias abordadas, um grupo com desempenho razoável que já tinha adquirido as competências básicas da maioria das matérias e outro grupo com um nível de desempenho mais elevado. Em termos de motivação e empenho, a turma sempre demonstrou níveis elevados, o que facilitou bastante o meu desempenho como professora, pois tinha à minha frente alunos com vontade de aprender cada vez mais e assim evoluir nas diferentes matérias. Ao nível da organização a turma não apresentava dificuldades e tinha a capacidade de ser autónoma em certos exercícios, o que facilitou por vezes a condução da aula. Relativamente à disciplina, a turma, apesar de ter alunos bastante competitivos, nunca apresentou grandes problemas a esse nível, existindo apenas casos pontuais de maior exaltação e excitação por parte de um aluno e um caso de constantes atrasos e faltas de material por parte de outro aluno, provocados pela falta de motivação e desinteresse total pela disciplina de Educação Física. Com o decorrer do ano letivo foi possível verificar a evolução dos alunos nas diversas matérias, principalmente nos alunos com nível inicial de desempenho mais fraco, sendo por isso mesmo a sua margem de evolução muito maior quando comparada com a dos alunos que já se encontram num nível de desempenho mais elevado. Como exemplo desta evolução posso referir a que foi demonstrada pelos alunos na matéria de voleibol, pois no início do ano poucos eram aqueles que conseguiam realizar os três toques entre si e passar a bola para o campo contrário e no final do ano essa competência já estava adquirida. No início do ano letivo e de modo a garantir um tempo de prática elevado durante as aulas, foram definidas desde logo normas de funcionamento e rotinas de organização que foram rapidamente adquiridas pelos alunos, à exceção da organização em meia-lua durante o momento de instrução inicial.

Ainda no âmbito da área 1 do estágio, tive contacto também durante o ano letivo com alunos de outras turmas, desde o 5º ao 12º ano de escolaridade, pois durante uma semana lecionei as suas aulas, passando pela experiência de um horário completo – Professor a Tempo Inteiro – que incluiu as horas das minhas aulas ao 11ºA, as horas destinadas à direção de turma, à atividade de desporto escolar e as horas de reunião do núcleo completadas, então, por horas de aulas de outros professores do departamento. Esta atividade que foi desenvolvida no 2º período foi ainda complementada com a lecionação de aulas ao 1º ciclo, mais especificamente a

uma turma de 1º ano e a outra de 3º, que me permitiu assim ter uma experiência de lecionação em todos os níveis de escolaridade.

No desporto escolar, os alunos participantes eram na sua maioria do 5º ano e por isso, nos primeiros treinos senti a diferença entre lecionar para alunos de 11º ano e alunos do 5º, pois ao nível da organização são muito pouco autónomos, a instrução tem que ser muito mais curta e clara, assim como o feedback. Na atividade do terraço, destinada apenas a alunos do 3º ciclo, permitiu-me também estabelecer contacto com alunos deste ciclo de escolaridade, enriquecendo cada vez mais a minha formação pedagógica.

No âmbito da direção de turma, e de modo a compreender as relações sociais existentes no seio da turma do 11ºA, elaborei o estudo sociométrico que foi desenvolvido através da análise das respostas dos alunos às perguntas referentes a esse aspeto e que constavam da Ficha Individual do Aluno (Anexo 4). Este estudo permitiu-me verificar quais as escolhas e as rejeições dos alunos dentro da turma e assim organizar os grupos de trabalho tendo não só em conta o nível de desempenho dos alunos como também os grupos de amigos já estabelecidos e aqueles alunos que eram rejeitados, colocando-os juntamente com colegas que facilmente, devido às suas características pessoais, os podiam integrar facilmente.

### **3. Realização da prática pedagógica**

De acordo com o Guia de Estágio, o estágio pedagógico realizado no âmbito do mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário representa um módulo de formação desenvolvido em regime de supervisão pedagógica que constitui o culminar de uma formação que habilita profissionalmente para o desempenho de todas as funções inerentes à função de Professor de Educação Física do ensino básico e secundário. Assim, essa formação do professor pode ser entendida, de acordo com Onofre (1996, p. 75), como o processo contínuo e sistemático de aprendizagem no sentido de inovação, aperfeiçoamento de atitudes, saberes e saberes-fazer e da reflexão sobre valores que caracterizam o exercício das funções inerentes à profissão docente. A prática pedagógica desenvolvida durante todo o ano letivo surge, assim, como um complemento à formação inicial que é realizada na instituição de ensino e que leva o futuro professor a ter contacto com a realidade, ou seja, a pôr em prática as suas aprendizagens em contexto escolar. A mesma foi dividida, então, em quatro grandes áreas de intervenção profissional, que apesar de apresentarem diferentes objetivos, todas encaminham o professor para a

realização de três atividades transversais: o planeamento, a realização do que foi planeado (conceção) e a respetiva avaliação.

### **3.1. Planeamento**

De acordo com Bento (1998, p.10), o planeamento significa uma reflexão pormenorizada acerca da direção e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina, sendo pois evidente a relação estreita com a metodologia ou didática específica desta, bem como com os respetivos programas. No entanto, e como já foi referido anteriormente, o ato de planear não se cingiu apenas ao processo de ensino dos alunos, tendo sido também utilizado para regular todo o processo de desenvolvimento das restantes três áreas do estágio.

Mais especificamente ao nível do processo de ensino, correspondente à área 1 do estágio – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem, o planeamento passou pela elaboração de diversos documentos, como o Plano Anual de Turma, os Planos de Etapa e de Unidade de Ensino e ainda, os Planos de Aula. Mas todo este processo de planeamento foi precedido pelas reuniões de Departamento, realizadas no início do ano letivo, onde foram discutidas e apresentadas as matérias a serem lecionadas em cada um dos anos/ciclos de escolaridade, tendo sido de extrema importância para que o núcleo de estágio começasse desde logo a planear quais as matérias que cada um deveria abordar com a sua turma. Depois de conhecidas as matérias a lecionar e de modo a o professor conhecer as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias do respetivo ano foi planeada a Etapa de Avaliação Inicial. De acordo com Rosado (2003, p. 34) esta etapa permite ao professor realizar uma avaliação tanto diagnóstica como prognóstica uma vez que a partir desta é possível identificar o nível inicial da turma, e mais especificamente, de cada aluno, relativamente ao nível em que se encontram no PNEF e assim definir quais os objetivos anuais, as prioridades formativas, os objetivos prioritários e ainda os secundários. Segundo o mesmo autor, é depois desta etapa que o professor consegue definir as bases da diferenciação do ensino e orientar a formação de grupos de nível.

Deste modo, o núcleo de estágio planeou esta etapa, tendo em conta os recursos espaciais disponíveis, de acordo com o roulement, e os recursos temporais, tendo a mesma decorrido em cinco semanas, tal como refere Jacinto, Comédias, Mira e Carvalho (2001, p. 31) no PNEF. Esta etapa foi ainda fundamental para ensinar as regras de organização e normas de funcionamento dentro do espaço da aula e para promover, também, um bom clima relacional entre alunos e professora. De modo a planear toda esta etapa o núcleo de estágio reuniu e decidiu também, visto não existir

no Agrupamento, como já foi referido, construir o Protocolo de Avaliação Inicial consultando para isso o PNEF onde são apresentados os objetivos de cada nível de desempenho (Introdutório, Elementar e Avançado). Para cada matéria a ser lecionada foram escolhidos os objetivos representativos de cada nível assim como os seus indicadores, no entanto, o documento só contemplava duas áreas de extensão da disciplina – Aptidão Física e Atividades Física – deixando de parte a área dos Conhecimentos, lacuna que foi mais tarde identificada em reunião de Departamento aquando da discussão e análise do referido documento. A elaboração deste documento permitiu-me analisar com mais detalhe o PNEF e conhecer assim os objetivos de cada matéria, facilitando mais tarde a abordagem aos mesmos em contexto de aula. Após a construção do protocolo, o núcleo de estágio realizou as grelhas de observação (Anexo 5), para cada uma das matérias a observar, de modo a registar os dados recolhidos durante a etapa de avaliação inicial. Este registo, que era realizado após a aula, permitiu diagnosticar não só o nível de cada aluno e os objetivos já adquiridos, assim como prognosticar o nível de desempenho a atingir até ao final do ano letivo.

Após esta etapa de avaliação inicial onde consegui observar o desempenho dos alunos em praticamente todas as matérias a serem abordadas durante o ano letivo, foi então possível elaborar o Plano Anual de Turma (Anexo 6), documento que, de acordo com Rosado (2003, p. 32), é um plano de trabalho que integra a organização, o acompanhamento, a avaliação, as estratégias de diferenciação pedagógica e de adequação curricular para uma turma ou conjunto de objetivos, estratégias, conteúdos e meios que concretizam o projeto educativo anual para uma turma em particular. Neste documento organizei o ano letivo em três etapas de aprendizagem e descrevi para cada uma delas, e para cada área de extensão da disciplina, os objetivos a serem abordados por cada grupo de nível existente na turma e que foram construídos com base no diagnóstico e conseqüente prognóstico realizado na etapa de avaliação inicial.

Após a elaboração do Plano Anual de Turma, que foi sofrendo alterações com o decorrer do ano letivo devido às informações decorrentes da avaliação formativa realizada em todas as aulas, e uma vez que o ano letivo foi dividido em três etapas de aprendizagem, foi necessário construir os Planos de Etapa referentes a cada uma delas. De acordo com Rosado (2003, p.33) a etapa de aprendizagem é essencial para a concretização dos objetivos anuais e corresponde a uma unidade de ensino e planeamento de grande extensão. Todas as etapas devem estar interligadas, sendo as primeiras pré-requisito das segundas e segundo o mesmo autor é frequente a

referência a três etapas – Etapa de Avaliação Inicial, de Aprendizagem e Desenvolvimento e de Desenvolvimento/Consolidação.

Para cada uma das etapas defini diferentes objetivos, consoante o percurso de aprendizagem traçado no Plano Anual de Turma e, por isso a primeira etapa, depois da Avaliação Inicial, foi denominada de Aprendizagem e Desenvolvimento (Anexo 7), tal como refere o autor anteriormente citado. Esta tinha como objetivo a continuação da aprendizagem através do desenvolvimento de novas competências nas matérias que foram consideradas prioritárias depois da etapa de avaliação inicial. Na segunda etapa, Aprendizagem e Consolidação, foram abordados os objetivos em falta para atingir o nível prognosticado para cada um dos alunos, e a terceira e última etapa, que teve como objetivo a consolidação das aprendizagens, foi denominada, então, de Revisão e Consolidação. Nestes planos era assim apresentada toda a calendarização da etapa, as matérias a serem abordadas, e também para cada uma delas e para cada grupo de nível, os objetivos a serem alvo de abordagem durante o decorrer da mesma. Deste modo, este planeamento foi-me bastante útil pois sabia exatamente que objetivos devia abordar nas aulas, seguindo sempre uma sequência de aprendizagem do mais simples para o mais complexo, e quais os alunos que deviam trabalhar este ou aquele objetivo. Mas de modo a garantir a coerência de todo o planeamento, realizava, perto do final de cada etapa, o Balanço da Etapa (Anexo 8), refletindo sobre a aprendizagem dos alunos e analisando os dados da avaliação formativa, ao nível das matérias abordadas, para conhecer quais as suas prioridades de desenvolvimento para a etapa seguinte, tal como refere Carvalho (1994, p. 139) que afirma que a especificação de cada uma das etapas só deve ocorrer após a avaliação da etapa de ensino-aprendizagem anterior.

Mas um planeamento a um nível mais micro, como o Plano de Unidade de Ensino, permitiu-me definir, para um conjunto de aulas com objetivos e estrutura organizativa idênticos, as situações de aprendizagem a serem realizadas na aula tendo em conta os objetivos traçados para a etapa correspondente. Assim, e de acordo com as matérias possíveis de abordar em cada espaço, realizei um Plano de Unidade de Ensino para os ginásios Adelaide, Sena e D e outro para o Ginásio C pois nos três primeiros era possível realizar as mesmas matérias, principalmente os jogos desportivos coletivos, e no C tinha que abordar as atividades gímnicas, as danças e o atletismo. Apesar de este documento facilitar bastante o planeamento de todo o processo de ensino dos alunos, só a partir da terceira unidade de ensino, já no decorrer da segunda etapa, é que o mesmo foi realizado e foi então, a partir da elaboração do Plano da 3ª Unidade de Ensino (Anexo 9), que deixei de planear aula-a-aula e percebi assim a importância e facilitismo que este documento permite pois já

tinha um conjunto de aulas planeadas e diversas situações de aprendizagem possíveis de aplicar tendo em conta o(s) objetivo(s) a abordar.

Apesar de já não sentir tanto a necessidade de elaborar o plano de cada aula, após a construção dos planos de unidade de ensino, gostava de o ter presente na aula pois servia como documento orientador que podia consultar durante o decorrer da mesma. Utilizei diversas vezes o Plano de Aula (Anexo 10) para informar os alunos sobre a constituição dos grupos e até serviu como documento de consulta para os alunos que não realizavam a aula e que tinham de preencher uma ficha de observação (Anexo 11). Também nestes planos, após a conclusão da aula, apontava algumas informações decorrentes da avaliação formativa, úteis para regular todo o processo de ensino dos alunos e para alterar, assim, os documentos como o Plano Anual de Turma, Plano de Etapa e de Unidade de Ensino.

Ainda no âmbito da área 1 do estágio, foi desenvolvida a semana de Professor a Tempo Inteiro, já apresentada em pontos anteriores deste documento, que também foi precedida por um período do planeamento. Antes mesmo de decidir quais as turmas a que iria lecionar as aulas, foi decidida em reunião de núcleo qual a melhor altura para o desenvolvimento desta atividade, tendo em conta o Guia de Estágio que refere que deve ser desenvolvida na primeira e segunda etapa de formação. Assim, e depois de decididas as datas de concretização da atividade, escolhi, tendo em conta o meu horário na escola, quais as turmas a que queria lecionar as aulas, principalmente de segundo e terceiro ciclo, de modo a expandir a minha formação aos mais diversos anos de escolaridade. De seguida, os professores das respetivas turmas foram abordados e a sua colaboração foi fundamental, pois todos eles aceitaram com bastante agrado o desenvolvimento da atividade com as suas turmas e o período de planeamento foi desenvolvido em conjunto. A semana de leção foi assim precedida por uma semana de observação que me permitiu conhecer os alunos, as rotinas de organização utilizadas por cada professor, as normas de funcionamento e ainda, as matérias e respetivos objetivos que estavam a ser alvo de abordagem nas aulas. Deste modo, o planeamento das aulas propriamente ditas foi mais facilitado tendo sido decidido, juntamente com o professor de cada turma, quais as matérias a serem abordadas na minha aula assim como os objetivos, de modo a garantir a continuidade do trabalho desenvolvido pelo professor com a sua turma.

Mas o ato de planear não se restringiu só ao processo de ensino, como já foi referido, e por isso também o desenvolvimento do relatório de investigação, elaborado no âmbito da área 2 do estágio – Investigação e Inovação Pedagógica, foi precedido por um período de planeamento que permitiu definir quais as tarefas a realizar e durante que período de tempo. Este planeamento foi fundamental para garantir que no



dia da apresentação pública do relatório este estivesse finalizado e o grupo de estágio preparado para essa mesma apresentação. Após a decisão do tema a estudar, foi planeada a ida à biblioteca da faculdade para a pesquisa de bibliografia relacionada com o objeto de estudo e também foram determinadas quais as datas limite para realizar as restantes tarefas inerentes ao desenvolvimento da investigação como a construção e aplicação dos questionários, a recolha dos dados e posterior análise, a reflexão e apresentação de um conjunto de soluções para a superação do problema identificado e ainda, a organização da apresentação pública do estudo à comunidade escolar.

No desporto descolar, apesar da sua vertente mais competitiva, o planeamento também foi essencial para garantir um eficaz e contínuo processo de aprendizagem dos alunos participantes no núcleo de basquetebol masculino. À semelhança da área 1 do estágio, a etapa de avaliação inicial também foi realizada, tendo ocorrido durante os oito primeiros treinos e o diagnóstico realizado permitiu estabelecer os objetivos a serem abordados durante o ano letivo. Deste modo, foi elaborado o planeamento anual, sob a forma de Projeto de Acompanhamento do Desporto Escolar (Anexo 12), dividindo o ano letivo em mais três etapas de aprendizagem e tendo em conta também o calendário competitivo e a evolução demonstrada pelos alunos no decorrer dos treinos. Este planeamento foi realizado e posteriormente apresentado à professora responsável pelo núcleo de basquetebol de modo a que a nossa ação junto dos alunos estivesse em completa sintonia e que a continuidade da aprendizagem fosse assim assegurada treino após treino.

A atividade desenvolvida no terraço, que consistiu em abrir este espaço aos alunos do terceiro ciclo durante o seu tempo de intervalo de modo a puderem realizar atividade física também foi alvo de planeamento, tendo sido decidido em primeira instância, juntamente com os colegas de estágio da Universidade Lusófona, quais os dias e horário da atividade. Após esta decisão, a ação foi divulgada pela escola através de cartazes e, infelizmente, o planeamento da atividade só passou a ser construído durante o segundo período, sendo até esse momento uma mera atividade de vigilância e controlo da disciplina para os estagiários. Foi construído, assim, pelo núcleo de estágio, o Projeto da Atividade do Terraço (Anexo 13) onde é apresentado o âmbito da atividade, a avaliação das necessidades, a sua finalidade e objetivos, todos os aspetos metodológicos que lhe são inerentes (população alvo, recursos materiais, espaciais, temporais) e ainda, a calendarização das ações e uma descrição sucinta de cada uma delas. O planeamento permitiu assim que a dinamização da atividade tivesse muito maior impacto sobre os alunos, passando os estagiários a intervir muito

mais, arbitrando jogos e realizando as ações planeadas que decorriam durante os quinze minutos do intervalo.

As atividades inerentes à direção de turma, e que integram a área 4 do estágio pedagógico – Relações com a comunidade, também foram planeadas sob a forma de Projeto de Acompanhamento da Direção de Turma (Anexo 14), documento onde é apresentada uma caracterização de cada uma dessas atividades, como as reuniões com os encarregados de educação, o horário de atendimento aos mesmos e as reuniões de conselho de turma, e também uma calendarização dessas atividades assim como a intervenção necessária em cada uma delas. Esta calendarização foi bastante útil para regular todo este processo de acompanhamento do trabalho da diretora de turma do 11ºA, pois permitiu-se saber exatamente que tarefas tinha de cumprir sem ser necessário estar sempre em contacto com a diretora de turma, uma vez que os horários de cada uma de nós não eram muito compatíveis, tendo sido isso notório pela minha impossibilidade de estar presente no atendimento aos encarregados de educação na hora estabelecida. Outro documento desenvolvido no âmbito da direção de turma e que se relaciona, apesar de indiretamente, com o planeamento realizado para a área 1 do estágio, foi o Estudo de Turma (Anexo 15) que me permitiu, ao longo dos vários documentos desenvolvidos para o planeamento do processo de ensino, definir os grupos de trabalho nas diversas aulas tendo em conta não só o nível de desempenho dos alunos e a sua evolução na aprendizagem, como também as relações sociais existentes no seio da turma.

Para a atividade desenvolvida no Inatel, que como já foi referido anteriormente, é transversal a todas as áreas do estágio, à exceção da área 2, também foi concebido um Projeto (Anexo 16) de modo a regular toda a preparação da referida atividade. O projeto apresenta tal como os anteriores, o âmbito da atividade, finalidade, objetivos e os aspetos metodológicos, como a população alvo e os recursos (materiais, temporais, espaciais e humanos). Este projeto, apesar de ter permitido regular todo o processo de desenvolvimento da atividade, referindo as tarefas necessárias de realizar assim como a sua calendarização, também permitiu, posteriormente, realizar uma avaliação da atividade desenvolvida, como vai ser alvo de abordagem mais à frente neste relatório.

### **3.2. Conceção**

O ato de planear, que culminou na realização de documentos que regularam depois todo o processo de desenvolvimento da ação propriamente dita, como foi visto anteriormente, levou-me a refletir e a tomar decisões a longo prazo que com o

decorrer da prática pedagógica foram sofrendo alterações. Por isso mesmo, o plano em si, é, de acordo com Bento (1998, p.13) um modelo de regulação do comportamento cujo ponto fulcral reside nas funções de orientação e controlo e na de racionalização. Ainda segundo o mesmo autor, no plano são apresentados os objetivos e as vias de realização, quais os seus meios e operações metodológicas e visa ainda, a estabilização, modificação ou reestruturação de relações, sendo assim, sempre um instrumento de ação.

A conceção do planeamento, no que diz respeito à área 1 do estágio, foi realizada através da condução do ensino à turma do 11ºA, que me permitiu desenvolver não só a capacidade de ensino das competências programáticas como também os procedimentos de otimização da organização, instrução, disciplina e clima das aulas. Deste modo, a minha ação como professora não se cingiu só à conceção daquilo que tinha planeado, fruto da observação do desempenho dos alunos durante a etapa de avaliação inicial e da avaliação formativa, mas também à preocupação em criar favoráveis condições de aprendizagem aos meus alunos. Mas o planeamento não foi só realizado após a etapa de avaliação inicial, tendo sido esta também planeada e por isso a sua conceção passou pela observação dos alunos em duas matérias por aula, tendo sido o jogo formal, ao nível dos jogos desportivos coletivos, a situação de avaliação/aprendizagem privilegiada.

O planeamento serviu, assim, de base a toda a ação pedagógica, estando nele também focados outros aspetos mais relacionados com a condução do ensino, sendo exemplo disso a descrição, nos planos elaborados, dos estilos de ensino a utilizar, do comportamento do professor e da formação de grupos. Ao nível do comportamento do professor, e de modo a manter os alunos informados sobre os objetivos de cada aula, iniciava sempre a minha intervenção com um período de instrução inicial onde explicava a organização da aula assim como os objetivos alvo de abordagem em cada uma das matérias lecionadas. Este período, onde tentava sempre ser breve, clara e focar a informação essencial, permitia que os alunos se concentrassem na aula, visto que vêm de contextos diferentes nos quais se aplica um conjunto de normas comportamentais completamente distintas das da disciplina de Educação Física.

Rosado et al. (2008), estudando de forma multidimensional a informação fornecida no início da sessão, concluem que os professores apresentam informação com o fim de apresentar os objetivos, o contexto, os conteúdos, as tarefas, e de verificar os conhecimentos.

(citado por Rosado & Mesquita, 2011, p. 77)

Focar a atenção dos alunos nestes momentos por vezes foi bastante difícil, principalmente quando a informação transmitida estava a ser repetida, apenas para relembrar aspetos que na aula anterior não tinham ficado bem assentes ou na qual a sua abordagem tinha-se demonstrado insuficiente. Sentar os alunos em forma de meia-lua, em frente ao quadro no qual escrevia sempre a organização da aula, facilitou por vezes a manutenção da atenção dos alunos na instrução uma vez que impedia as conversas paralelas que são mais suscetíveis de acontecer quando os alunos estão sentados em vários pequenos grupos. Esta constatação foi sendo observada por mim ao longo do ano letivo, pois no início do ano e durante o primeiro período não dei muita importância a este tipo de organização e quando passei a insistir na sua realização verifiquei a maior atenção dos alunos, ou pelo menos, a diminuição das conversas paralelas que muitas vezes me levavam a interromper a instrução. Outra estratégia utilizada durante este momento de instrução foi o questionamento dirigido, principalmente aos alunos mais desatentos e conversadores, para manter estes atentos e focados na informação que estava a transmitir e também para não perturbarem os colegas. Ainda durante a instrução inicial optei por em diversas vezes utilizar os alunos como agentes de ensino, pedindo-lhes que demonstrassem o gesto técnico sobre o qual estava a referir as componentes críticas, ou até para demonstrarem determinado comportamento tático que deviam adotar, posteriormente, em situação de jogo.

Mas a intervenção do professor durante as aulas não se restringe apenas ao momento de instrução inicial, sendo também fundamental a sua intervenção durante a realização das tarefas motoras, através do feedback e no final da aula, quando realiza o balanço da sessão. O mesmo é defendido por Siedentop (1991, citado por Rosado & Mesquita, 2011, p. 74) que refere que nas situações de instrução, a informação é emitida usualmente em referência a três momentos – (1) antes da prática, onde o professor recorre à preleção, apresenta as tarefas, explica-as e demonstra-as; (2) durante a prática, através da emissão de feedbacks; (3) após a prática, quando é realizada uma análise da prática desenvolvida pelos alunos.

Relativamente ao feedback pedagógico, que de acordo com Onofre (1995, p. 84), se caracteriza pela informação que o professor comunica ou suscita acerca da forma como o aluno realizou ou deveria ter realizado um dado desempenho na atividade, este foi utilizado diversas vezes de modo a garantir a aprendizagem dos alunos e também a sua motivação e empenho na aula. A circulação periférica que realizava durante o decorrer da aula permitia-me observar todos os alunos em prática e assim, fornecer a informação individual ou em grupo, sobre o desempenho na tarefa.

A manutenção de um deslocamento periférico relativamente à zona central do espaço letivo procurando garantir uma colocação que permita observar sempre esta zona, são procedimentos que podem ajudar a criar condições mais favoráveis à observação.

(Onofre, 1995, p. 84)

As principais preocupações ao nível do feedback foram a de transmitir aos alunos informação específica sobre o seu desempenho e não meramente apreciativa e a de terminar o ciclo de feedback. Em relação à primeira preocupação, o planeamento está diretamente relacionado, pois através do conhecimento do mesmo sei que objetivos devem ser alvo de abordagem e sobre os quais devo focar a minha atenção e posterior feedback durante a realização da tarefa por parte dos alunos. Apesar de conhecer o planeamento, diversas vezes o feedback utilizado por mim era apenas apreciativo, que apesar de manter os alunos motivados, não lhes transmitia qualquer informação sobre o seu desempenho que lhes permitisse depois melhorar. Deste modo, e em relação à especificidade do feedback, é importante reconhecer, tal como defende Cushion (2001, citado por Rosado & Mesquita, 2011, p. 89), que a intervenção meramente apreciativa (positiva ou negativa) não transmite qualquer informação específica acerca do que se fez e do que se deve fazer de seguida para melhorar, sendo assim os feedbacks específicos essenciais para as aprendizagens dos alunos.

Nas discussões e análise das aulas realizadas em reunião de núcleo de estágio com os professores orientadores, este aspeto relacionado com a especificidade do feedback realizado por mim foi várias vezes referenciado como “aspeto a melhorar” e a sua melhoria passou então a ser uma prioridade. Deste modo, e durante a segunda etapa de formação a minha intervenção ao nível do feedback passou a ser muito mais focada nos objetivos de aprendizagem, sem descuidar o feedback apreciativo, principalmente o positivo, de modo a garantir a motivação dos alunos e também o bom clima de aula que foi conseguido desde o início do ano letivo. Terminar o ciclo de feedback também foi diversas vezes referenciado como um dos aspetos a melhorar ao nível da minha intervenção e por isso mesmo passei a ter o cuidado de realizar o feedback, acompanhar depois a atividade do aluno e de lhe fornecer um novo feedback, de acordo com Onofre (1995, p. 84) que refere que é necessário que o professor acompanhe a atividade que o aluno desenvolve após ter recebido um feedback pedagógico, e volte a dar uma ajuda, no caso de o aluno não ter superado a dificuldade, ou reforce positivamente o seu desempenho, no caso em que essa dificuldade tenha sido superada.

A intervenção do professor durante a aula não é apenas realizada através do feedback pedagógico, sendo também de realçar a intervenção que é necessária durante o decorrer da mesma para apresentar as tarefas motoras, que segundo Rink (1994, citado por Rosado & Mesquita, 2011, p. 79) é a informação transmitida pelo professor aos alunos durante a prática motora acerca do que fazer e como fazer. Assim, e para que a tarefa fosse bem compreendida e justificada perante os alunos, expliquei sempre o objetivo da mesma e utilizei os alunos para a sua demonstração, de modo a ficar claro os critérios de êxito da tarefa e as suas disposições organizativas. Sempre que necessário, durante as aulas, consegui alterar a tarefa de aprendizagem garantindo que a mesma se ajustasse às necessidades de aprendizagem reveladas pelos alunos e para realizar este ajustamento, tive sempre em conta a motivação dos alunos e ainda os objetivos inerentes a cada tarefa de aprendizagem. Em diversas situações acabei por não realizar o planeado visto que o desempenho dos alunos na tarefa realizada na aula não mo permitia, e como exemplo dessa situação posso referir que em algumas aulas tinha planeado, para a matéria de basquetebol, a realização de jogo em campo inteiro mas acabei por optar pela situação de jogo reduzido, na qual os alunos se encontravam a aplicar os objetivos pretendidos e tinham assim, muito mais situações para realizar essa aplicação.

O encerramento da sessão, que também é um momento de intervenção do professor, deve ser organizado, de acordo com Rosado & Mesquita (2011, p. 92), em torno de duas funções: uma função de revisão/consolidação dos conteúdos lecionados, num alinhamento estreito com os objetivos e conteúdos de aprendizagem, e uma de motivação prospetiva. Assim, posso afirmar que a minha intervenção neste momento final da aula ia ao encontro do referido anteriormente pelos autores, uma vez que dava a conhecer aos alunos os aspetos positivos e menos positivos da aula, quais os objetivos que tinham conseguido alcançar durante a aula e aqueles que ainda necessitavam de ser trabalhados nas aulas seguintes. O questionamento também era utilizado com o objetivo de verificar a compreensão e aprendizagem dos alunos em relação aos objetivos abordados na aula, o que me permitia avaliar a sua perceção sobre a sessão e regular também assim o seu processo de aprendizagem. Para além disto, utilizava ainda o balanço final para introduzir a aula seguinte e motivar assim os alunos para a próxima aula. Tal como no início da sessão, os alunos, apesar de mais dispersos também se começaram a organizar em meia-lua e era um deles, selecionado e avisado na aula anterior, que, antes do balanço da aula, era responsável por realizar os alongamentos para o resto da turma. Esta estratégia tinha como objetivo levar os alunos a dar mais importância aos alongamentos, percebendo os seus efeitos e também, dar a conhecer um pouco dos músculos constituintes do

seu corpo e quais aqueles que tinham sido mais solicitados durante as tarefas motoras da aula.

A intervenção do professor durante a aula também é moldada de acordo com o estilo de ensino utilizado e durante o ano letivo o estilo de ensino por tarefa foi o que predominou uma vez que permitiu a diferenciação do ensino de acordo com a heterogeneidade da turma. Esta diferenciação, bem patente também nos documentos relativos ao planeamento, permitiu aplicar as situações de aprendizagem tendo em conta as necessidades dos alunos, seguindo assim o princípio da inclusão e diferenciação, e a formação de grupos de nível. Em relação à formação dos grupos, e de modo a pôr em prática o estilo de ensino recíproco, foi utilizada diversas vezes a formação de grupos heterogéneos, principalmente a partir da minha segunda etapa de formação, que permitiu que os alunos com mais facilidades em determinada matéria auxiliassem os seus colegas com mais dificuldades, corrigindo-os e apresentando-lhes sugestões/feedbacks para melhorarem o seu desempenho. Para além da aprendizagem que é desenvolvida através desta reciprocidade, também as relações entre os alunos são melhoradas e é promovida a inclusão e a participação ativa de todos, tal como refere Mesquita & Rosado (2011):

Chamamos a atenção para a necessidade de em cada grupo deverem existir alunos de diferentes níveis de desempenho, de sexo diferenciado e de proveniência cultural distinta, de forma a ser promovido o equilíbrio pela inclusão e a participação ativa de todos.  
(p. 32)

Outros estilos de ensino foram aplicados durante o ano letivo, tal como o ensino divergente, utilizado na construção de uma coreografia de acrobática, que levou os alunos a experimentar as diversas figuras e a selecionar aquelas em que tinham mais dificuldades, e a descoberta guiada que foi aplicada durante a atividade dos alunos em situação de jogo, através da sua interrupção e do questionamento dos mesmos sobre a solução a aplicar para ultrapassar o problema que tinha sido identificado. Ainda a autoavaliação foi posta em prática apenas no final de cada período, onde os alunos tiveram de refletir sobre a evolução da sua aprendizagem e indicar, para cada uma das matérias abordadas, o nível de desempenho em que se encontravam. Este estilo de ensino deveria ter sido também aplicado durante o decorrer dos períodos letivos, através da autoavaliação dos alunos logo nas tarefas da aula, o que iria permitir uma maior perceção sobre a sua aprendizagem e evolução, através da reflexão imediata sobre o seu desempenho em determinada tarefa tendo em conta os objetivos inerentes a ela. Também a heteroavaliação deveria ter sido aplicada mais vezes durante o decorrer do ano letivo, de modo a levar os alunos a

avaliarem os seus colegas nas tarefas da aula e a serem eles próprios responsáveis por verificar a concretização ou não dos objetivos selecionados. A aplicação deste estilo de ensino só ocorreu em duas situações, separadas por um longo período de tempo, pois a primeira ocorreu durante a etapa de avaliação inicial, onde foram os alunos a observar e a registar os objetivos cumpridos pelos seus colegas e a segunda foi já perto do final do ano letivo, durante a apresentação da coreografia de acrobática, na qual os grupos que estavam a observar tiveram depois que realizar uma apreciação do desempenho dos colegas tendo em conta os critérios de avaliação estabelecidos para a referida tarefa. Estes dois últimos estilos de ensino referidos permitiram aos alunos conhecerem os objetivos de cada nível de desempenho, de determinada matéria e regularem assim a sua aprendizagem, estabelecendo eles próprios a sua “meta”.

As competências do professor ao nível da organização prendem-se, tal como refere Onofre (1995, p. 86), com tarefas como gerir os espaços e materiais, gerir os grupos dos alunos e gerir o tempo da sessão. Deste modo, e durante todo o ano letivo não apresentei grandes dificuldades ao nível da gestão do tempo da sessão pois consegui terminar as aulas dentro do tempo letivo correspondente, na maioria das vezes. Para isto contribuiu o facto de já ter a formação dos grupos definida nos Planos de Unidade de Ensino e até de Aula, e de os próprios alunos já terem conhecimento da manutenção dessa formação durante o decorrer da Unidade de Ensino, e também o facto de as normas e rotinas de organização terem sido logo adquiridas durante o período de avaliação inicial. Assim, os alunos quando entravam no ginásio assinalavam a sua presença na folha respetiva e sentavam-se em frente ao quadro, para eu poder dar início à instrução inicial. Visto que as aulas foram organizadas, na sua maioria, em pelo menos duas estações de trabalho, tentei sempre perder o mínimo de tempo durante as transições, tal como refere Onofre (1995, p. 87) quando aponta como um dos princípios de intervenção pedagógica neste domínio “garantir mudanças de atividade rápidas entre as diferentes atividades ou tarefas de aprendizagem”. No entanto este princípio nem sempre foi fácil de cumprir uma vez que por diversas vezes, principalmente quando eram abordados os jogos desportivos coletivos, tive que estar à espera dos alunos que não arrumavam o material aquando do término da atividade, prejudicando assim o seu retomo e a troca organizada das estações. Para colmatar esta dificuldade chamei a atenção dos alunos e comecei a marcar devidamente o início e término da atividade de cada estação e ainda a proceder à troca dos grupos apenas quando todo o material estivesse colocado no devido lugar. Esta estratégia permitiu assim que o tempo de transição fosse reduzido e que os alunos dos diferentes grupos não se misturassem nas várias estações,



prejudicando assim, a gestão do tempo da aula. Ao nível do material, eram os próprios alunos responsáveis pela sua montagem e desmontagem, principalmente nas aulas em que eram abordadas as matérias de voleibol e de ginástica. De modo a não ser prejudicado o tempo da sessão, o grupo de alunos responsável por esta tarefa já estava também definido para cada Unidade de Ensino, apesar de ser também escrito no quadro, o que permitia aos alunos saberem de ante mão que tinham esta responsabilidade durante o decorrer da aula.

Tal como já foi referido anteriormente, a conceção do planeamento, que no caso da área 1 foi a condução do ensino, permitiu-me também otimizar as competências ao nível da disciplina e clima das aulas. Deste modo, e em relação à disciplina, a turma nunca apresentou grandes problemas a este nível no entanto foi necessário pôr em prática procedimentos de prevenção e remediação dos comportamentos inapropriados dos alunos. A turma, apesar de no geral ter um comportamento adequado e de os alunos se mostrarem motivados para a aula, tinha alunos muito competitivos que me levavam a estar mais atenta aos seus comportamentos de modo a que não colocassem em causa o bom funcionamento e clima da aula. Para prevenir este tipo de comportamento, optei por em diversas situações separar esses alunos, colocando-os em grupos de trabalho diferentes. Ainda a este nível, e durante o segundo período, a boa relação que tinha sido estabelecida com o Afonso estava a ser comprometida devido às suas intervenções na aula, como pôr em causa as minhas explicações e exercícios, argumentando contra os mesmos e até de rebaixar os colegas, comentando o seu desempenho nas tarefas. A solução encontrada por mim para que este comportamento fosse evitado passou pela conversa individual, que tinha como objetivo não só mostrar ao aluno o que de incorreto estava a fazer assim como responsabilizá-lo dos seus atos e propor-lhe um compromisso que o levasse a melhorar o seu comportamento e atitude na aula. Esta estratégia acabou por resultar, pois os comentários depreciativos passaram a ser evitados e a boa relação estabelecida, entre professora e aluno, no início do ano deixou de estar comprometida. A utilização desta estratégia de remediação do comportamento inapropriado vai ao encontro do defendido por Onofre (1995, p. 92) pois o autor refere que algumas experiências realizadas demonstraram que a modificação deste tipo de comportamento é mais rápida e consistente quando o professor consegue fazê-lo em privado, numa relação simultaneamente de abertura e intransigência com o aluno.

Em relação ao clima das aulas, o bom clima de aprendizagem foi conseguido logo na primeira etapa de formação e foi mantido durante todo o ano letivo. A minha relação com os alunos foi positiva, pois tentei sempre motivá-los ao máximo nas

tarefas da aula, promovendo a sua aprendizagem, e tentava também perceber quais as suas principais dificuldades na aula e até os problemas extra-aula que os afetavam psicologicamente e o seu próprio desempenho e participação nas tarefas. O mesmo defende Onofre (1995, p.94) pois refere que a relação do professor com os alunos deve ser tão personalizada quanto possível e a mesma depende não só pela forma como o professor acompanha cada aluno na sua atividade como também pela possibilidade do mesmo interagir com o aluno com base em assuntos do seu interesse direto, de índole mais pessoal e em sentimentos e emoções por ele expressos.

No entanto, e apesar de o clima de bem-estar numa sala de trabalho ser habitualmente conotado com uma boa relação entre o professor e o aluno, as relações entre os alunos do grupo e a relação de cada um deles com as atividades de aprendizagem também condicionam esse bem-estar (Onofre, 1995, p. 93). Assim, e o facto de a turma se ter mantido do ano letivo transato, levou a que as relações entre os alunos já estivessem estabelecidas e consolidadas, não apresentando qualquer problema a este nível. Os alunos que chegaram de novo foram bem recebidos e integrados nos grupos de amigos já formados. A relação dos alunos com as situações de aprendizagem foi positiva, uma vez que a turma é bastante competitiva e também empenhada nas tarefas que lhe são propostas. No entanto, e o facto de existir a diferenciação do ensino, bem patente nas tarefas da aula dos diferentes grupos de nível, gerou, no seio da turma, e principalmente nos alunos que realizavam as tarefas menos complexas, um sentimento de injustiça que só foi ultrapassado depois de várias explicações, realizadas por mim, perante toda a turma, durante o balanço da aula e ainda, em conversas individuais. Os alunos acabaram por compreender que o facto de existir a diferenciação nas tarefas tinha como objetivo a evolução da sua aprendizagem, tendo em conta as suas necessidades, e não a separação entre os “bons” e os “maus” da turma.

Com o objetivo de estar perante diferentes contextos de ensino e ajustar assim a condução do ensino a esse mesmo contexto, na semana de Professor a Tempo Inteiro lecionei aulas a uma turma de 5º ano, a duas de 6º, a outra de 7º e, por último, a uma turma do ensino secundário, mais propriamente do 12º ano. As aulas foram lecionadas de acordo com os objetivos traçados com os professores das respetivas turmas e durante esta semana adquiri novas experiências e conhecimentos, sobretudo com a leção às turmas do 2º ciclo, uma vez que os feedbacks utilizados e a forma como a informação é transmitida aos alunos têm de ser realizados de forma muito mais clara, objetiva e curta quando comparado com a que é transmitida aos alunos do ensino secundário. Para além desta semana de professor a tempo inteiro e também com o objetivo de alargar a experiência de ensino a outros anos de

escolaridade, lecionei, durante a segunda etapa de formação, aulas a duas turmas do 1º ciclo, uma de 1º ano e outra de 3º. Esta experiência foi bastante enriquecedora, no entanto a principal dificuldade sentida prendeu-se com o planeamento da aula para quase trinta alunos, num espaço muito reduzido e também com um tempo de aula bastante curto, visto que os alunos tinham de se deslocar do edifício do 1º ciclo para o edifício central, o que demora cerca de 10/15 minutos, e realizar o percurso contrário no final da aula. De modo a ultrapassar esta dificuldade decidi conversar com os meus colegas de estágio para que me sugerissem alguns exercícios possíveis de aplicar com as turmas e o modo como deveria organizar a aula para garantir que as tarefas fossem realizadas por todos os alunos e dentro do tempo da sessão.

O planeamento para a realização e apresentação do relatório de investigação da área 2 do estágio pedagógico também foi elaborado para ser desenvolvido ao longo de todo o ano letivo, à semelhança das atividades inerentes à área 1 do estágio, no entanto o mesmo nem sempre foi cumprido pois algumas tarefas não dependiam exclusivamente da ação do núcleo de estágio. Esta situação de “não cumprimento do planeado” também ocorreu ao nível da condução do ensino (área 1) pois por vezes a aprendizagem dos alunos ficava aquém das expectativas e o tempo de aprendizagem de determinado objetivo tinha de ser prolongado, afetando depois todo o planeamento.

A primeira tarefa a ser realizada para o desenvolvimento do relatório de investigação prendeu-se com a escolha do tema do estudo, tendo sido a ideia inicial posta de parte depois de apresentada ao professor da disciplina de Investigação Educacional. Assim, o núcleo de estágio deparou-se com uma adversidade e após esta situação não conseguiu, desde logo, identificar um problema do grupo/departamento/escola, no entanto e como sugestão de um professor, surgiu a hipótese de estudar o nível de participação dos encarregados de educação na escola. A pertinência deste tema foi confirmada após a leitura do Projeto Educativo do Agrupamento uma vez que um dos pontos fortes apontados é a participação dos pais na escola. Deste modo, o núcleo quis, através do desenvolvimento do seu projeto de investigação, confirmar a existência dessa participação, o modo como é realizada e se influencia o desempenho escolar dos alunos. Depois de definida a pergunta de partida e o tema a ser investigado, o núcleo de estágio procedeu a uma pesquisa bibliográfica de modo a conseguir encontrar informação suficientemente significativa para justificar o tema a ser desenvolvido. Foi construído, assim, um quadro teórico de referência válido, no qual se encontra informação de estudos já realizados por diversos autores no âmbito das diversas variáveis de estudo que foram definidas para o desenvolvimento deste projeto. No âmbito da metodologia utilizada, o núcleo de estágio construiu o questionário e para os fazer chegar aos encarregados de

educação foi pedida a colaboração dos diretores de turma das turmas selecionadas, tendo sido o critério de seleção a presença de professores do Departamento de Educação Física nessa função, ou até como secretários. Os questionários foram assim enviados para os diretores de turma que reencaminharam depois para os encarregados de educação, tendo o núcleo de estágio estabelecido uma data limite para entrega dos mesmos e até criado um e-mail próprio para o seu envio. Após a data limite estabelecida o número de questionários entregues era bastante reduzido, o que impedia a realização do estudo, e por isso o núcleo de estágio enviou um novo e-mail com uma nova data de entrega. Mesmo após o alargamento do prazo de entrega, os questionários preenchidos eram em número reduzido, o que comprometeu depois as conclusões do estudo. Mas as opções tomadas neste âmbito não foram as melhores, por parte do núcleo de estágio, uma vez que a melhor estratégia para garantir um maior número de questionários preenchidos passava pela sua entrega, em mão, aos encarregados de educação durante as reuniões realizadas no início do segundo período. Este método teria permitido, certamente, a recolha de mais questionários, tornando a amostra do estudo maior e não existindo depois limitações no desenvolvimento do mesmo. Mesmo assim, o núcleo de estágio procedeu à análise dos dados e retirou as conclusões, tendo em conta os resultados obtidos e a bibliografia. Foi possível ainda apresentar um conjunto de soluções para a superação do problema, após uma reflexão e análise dos resultados obtidos e do contexto da própria escola, de modo a garantir soluções plausíveis de serem aplicadas no Agrupamento. A sessão de apresentação foi realizada no Anfiteatro do edifício sede e contou com a presença de colegas de estágio de outros agrupamentos e professores do Departamento de Educação Física.

À semelhança da área 1 do estágio, a conceção do planeamento relativo à área 3 passou pela condução dos treinos do núcleo de desporto escolar e pela dinamização da atividade do terraço. Em ambas as atividades as preocupações do professor são semelhantes às já referidas neste documento aquando da referência à condução do ensino na turma 11ºA (organização, instrução, disciplina e clima das aulas).

Uma vez que, de acordo com o Programa do Desporto Escolar 2013-2017, a missão deste é proporcionar aos alunos o acesso à prática desportiva regular de qualidade, contribuindo para a promoção do sucesso escolar dos alunos, dos estilos de vida saudáveis, de valores e princípios associados a uma cidadania ativa, foi necessário também a este nível, realizar a avaliação inicial dos alunos de modo a garantir a qualidade do seu ensino e proporcionar todos os aspetos referidos anteriormente. Assim, através da avaliação inicial realizada nos primeiros treinos e o

consequente planeamento anual, foi-me possível identificar as necessidades de aprendizagem dos alunos e definir assim os objetivos a serem abordados ao longo do ano letivo. A coadjuvação na condução dos treinos foi assim realizada durante todo o ano letivo, tendo mesmo apresentado sugestões de exercícios à professora responsável pelo núcleo, sendo também da minha responsabilidade a sua explicação aos alunos e a condução dos mesmos. Tal como na área 1, os exercícios e o planeamento foram ajustados ao longo do ano letivo, tendo em conta a evolução demonstrada pelos alunos, para responder assim às necessidades de cada um. A condução destes treinos permitiu-me desenvolver conhecimentos sobre a matéria de basquetebol e assim melhorar a minha intervenção na lecionação das aulas (realizar feedbacks específicos e pertinentes, exercícios adequados aos objetivos, observar os principais erros dos alunos e promover assim a sua aprendizagem) e ainda, ter contacto com alunos de uma faixa etária diferente da dos alunos da minha turma de ensino secundário. Ainda ao longo do ano letivo acompanhei a equipa nos encontros/competições realizados mensalmente, e era também nestas situações de jogo, nas quais os alunos defrontavam equipas de outras escolas, que conseguia observar, com mais rigor, o seu desempenho, e assim acompanhar toda a sua evolução, e proceder também a alterações ao nível do planeamento, como já foi referido.

A atividade do terraço, tal como já foi referido no ponto anterior deste documento, só foi alvo de planeamento durante o segundo período letivo. Até esse momento a ação dos estagiários passava apenas pela abertura do espaço exterior, registo dos alunos presentes, cedência do material e controlo da disciplina. Após o planeamento, a conceção do mesmo passou a ser uma prioridade no entanto e visto a elaboração tardia do mesmo, a dinamização desta atividade passou apenas pela arbitragem dos jogos, controlo do tempo de jogo e definição do “calendário de jogos”, definindo quais as equipas que iriam jogar e que classificação iriam disputar. Deste modo, e uma vez que o planeamento efetuado contempla todo o ano letivo e engloba um conjunto de atividades desde os jogos desportivos coletivos aos jogos tradicionais, o mesmo deveria ser aproveitado e posto em prática pelos estagiários do ano letivo seguinte.

O núcleo de estágio em conjunto com os colegas de estágio da Universidade Lusófona organizou o torneio inter-turmas de basquetebol que ocorreu no final de segundo período. Para a realização deste torneio, os dois núcleos de estágio reuniram inúmeras vezes no sentido de decidir as regras do torneio e o modo como o mesmo se iria organizar. Neste âmbito contamos ainda com a colaboração do professor Ruben Martins visto que o mesmo foi jogador e é treinador de basquetebol. As propostas

inicialmente definidas sobre estes parâmetros da organização do torneio foram apresentadas e discutidas nas reuniões de Departamento de modo a que os restantes professores tomassem conhecimento das mesmas e apresentassem eles próprios sugestões, visto já terem a experiência de anos anteriores. Após as reuniões de Departamento e no sentido de ir ao encontro do que foi falado e sugerido, os dois núcleos de estágio voltaram a reunir para garantir que a organização do torneio fosse um sucesso. As fichas de inscrição das equipas foram enviadas para os professores e foram depois entregues aos estagiários ou deixadas no gabinete do departamento. Após este período de inscrições, os dois núcleos de estágio procederam à realização do calendário de jogos assim como do regulamento do torneio, de modo a que as regras do mesmo fossem conhecidas por todos os intervenientes – professores, alunos participantes e árbitros dos jogos. Depois desta tarefa e dias antes do torneio, o calendário foi exposto nas vitrinas do corredor dos ginásios do edifício central e foi também entregue nos edifícios do primeiro e segundo ciclo.

O Estudo de Turma, realizado no âmbito da área 4 no final da primeira etapa de formação, mostrou-se um documento essencial para a condução do ensino na turma do 11<sup>o</sup>A, principalmente ao nível do clima de aula e da diferenciação do ensino. Neste documento são analisadas as respostas dos alunos às perguntas de carácter social que se encontravam na ficha de identificação individual que preencheram no início do ano letivo. Esta análise foi realizada recorrendo à utilização de um *software* sociométrico e através deste foi possível ter uma noção das relações que se encontravam estabelecidas no seio da turma, tanto ao nível social, como académico e desportivo. Ainda em colaboração com a diretora de turma, que de acordo com Marques (2002, p.15) é o professor que acompanha, apoia e coordena os processos de aprendizagem, de maturação, de orientação e de comunicação entre professores, alunos e pais, analisei os dados dos inquéritos, que são utilizados por todo o Agrupamento, e que a mesma aplicou a toda a turma também no início do ano letivo. Através desta análise também foi possível realizar uma caracterização geral da turma que foi apresentada aos restantes professores do conselho de turma.

As funções do diretor de turma, tal como refere Marques (2002, p. 16), estão identificadas no Despacho 8/SERE/89, e nele estão definidas em relação aos alunos, professores e pais. Assim, cabe ao diretor de turma promover a integração escolar dos alunos, garantir aos professores a existência de meios e de documentos de trabalho e informar os pais sobre o aproveitamento escolar dos alunos, assiduidade e participação nas atividades escolares (Marques,2002, p. 16). É no âmbito da última função referida que a diretora de turma disponibiliza um horário de atendimento aos encarregados de educação e realiza uma reunião com os mesmos no início de cada

período letivo. A minha presença nessas reuniões com os encarregados de educação também foi assegurada, tendo auxiliado a diretora de turma na distribuição de documentos relacionados com a avaliação e assiduidade dos alunos, e ainda estabeleci contacto com alguns pais, conversando com os mesmos no final da reunião, ouvindo as suas “críticas” sobre os novos critérios de avaliação que foram estabelecidos pelo núcleo e argumentando em defesa da mesma. Ao contrário da presença nas reuniões, a mesma já não foi possível de assegurar ao nível do horário de atendimento aos encarregados de educação uma vez que coincidia com a hora da aula da turma. Deste modo, o contacto quase diário, tanto pessoal como por correio eletrónico, com a diretora de turma permitia a troca de informações relevantes sobre a turma.

Os conselhos de turma, reunião onde o diretor de turma pode pôr em conjunto toda a informação recebida dos alunos, dos pais e dos outros professores, partilhando essa informação com todos os intervenientes no processo educativo (Marques, 2002, p. 21), foram realizados em cada período letivo e nos mesmos, tal como é referido pela autora, a diretora de turma transmitia informações sobre a turma e eram discutidos, entre todos os professores, diversos assuntos de ordem pedagógica. Visto que a turma tem uma aluna com NEE, estava também presente a psicóloga que a acompanha para conhecer a sua avaliação nas diferentes disciplinas e ainda apresentar aos restantes professores estratégias a aplicar para garantir a aprendizagem e sucesso da aluna nos exames e na classificação final das disciplinas.

A atividade realizada no Estádio 1º de Maio foi desenvolvida na primeira semana do terceiro período letivo e tal como planeado ocorreu em dois dias, um destinado para as turmas de 11º ano (A e B) e outro para as duas turmas de 9º ano (A e E). Esta atividade, tal como é referido no seu Projeto, integra-se na área 1 do estágio devido à realização de atividades de extensão do currículo, na área 3 por se tratar de uma atividade de dinamização da escola e na área 4 por apresentar aos alunos um espaço próximo da sua escola, levando-os a serem potenciais utilizadores do mesmo, e a adotar assim um estilo de vida mais ativo. Os prazos estabelecidos para a realização das diversas tarefas inerentes ao desenvolvimento desta atividade foram cumpridos tendo contribuído esse facto para o sucesso da mesma. Os alunos durante a atividade realizaram atividades desportivas que não podem ser abordadas na escola, devido às condições espaciais e também materiais, como o rugby, orientação, minigolfe e ténis. O período da manhã, no qual se realizaram os jogos tradicionais tinha como principal objetivo promover a interação entre os alunos das diferentes turmas, tendo a constituição dos grupos-equipa proporcionado isso mesmo. O entusiasmo, motivação e empenho dos alunos foi mais notório nos alunos do 11º ano,

tendo também as condições climáticas adversas condicionado a atividade com as turmas do 9º ano. Neste caso, o núcleo de estágio conseguiu dar a volta às adversidades e a atividade da manhã, que foi comprometida pela chuva, foi realizada num ginásio, cedido no próprio dia pelo responsável pelas instalações. Os jogos tradicionais planeados para serem realizados ao ar-livre foram adaptados ao novo espaço e a atividade decorreu na sua normalidade. Esta adaptação e solução rápida do problema mostraram a capacidade do núcleo de estágio em se adaptar e ultrapassar as adversidades mesmo sem experiência na organização deste tipo de atividades.

### **3.3. Avaliação**

Depois do planeamento e da conceção do mesmo, é necessário refletir e desenvolver um juízo de valor que permita assim avaliar o que foi desenvolvido. Deste modo, e uma vez que já foram descritas as ações realizadas no âmbito do planeamento e da sua conceção para as quatro áreas do estágio, surge a necessidade de descrever os procedimentos postos em prática para desenvolver a sua avaliação. No entanto, a avaliação nas quatro áreas não se desenvolve de forma idêntica, pois os objetivos inerentes a cada uma delas também são distintos. Assim, no âmbito da área 1 a avaliação recai sobre o desempenho dos alunos e a evolução da sua aprendizagem, enquanto nas restantes áreas, a avaliação passa pelo sucesso ou insucesso das atividades realizadas no seu âmbito.

Ao nível da área 1 do estágio, a avaliação entende-se como o processo de determinação da extensão com que os objetivos educacionais se realizam (Rosado & Silva, 1999, p. 22). Assim, e no início do ano letivo os professores são confrontados com a necessidade de orientar o processo de ensino-aprendizagem, de escolher e definir os objetivos que vão perseguir, de saber qual a direção a imprimir ao percurso de desenvolvimento dos alunos (Carvalho, 1994, p. 137). Para conseguir determinar estes objetivos e o percurso de aprendizagem a seguir por cada um dos alunos, torna-se necessário, durante a etapa de avaliação inicial, observar o seu desempenho nas diferentes matérias, ou seja, diagnosticar, para depois conseguir prognosticar. Este foi o primeiro momento de avaliação com que me deparei no estágio e o mesmo foi preparado através da construção do Protocolo de Avaliação Inicial e das grelhas de observação para cada uma das matérias, que foram utilizadas ao longo de todo o ano letivo, tanto neste período inicial como na avaliação formativa e sumativa, assegurando assim, um processo integrado e coerente de avaliação. No entanto, formar um juízo de valor sobre o desempenho de todos os alunos da turma e



diagnosticar o seu nível não foi tarefa fácil para uma professora inexperiente como eu, cujo primeiro contacto com a realidade docente estava a acontecer. A observação dos alunos durante as aulas desta etapa de avaliação inicial não foi fácil de executar, uma vez que também estava preocupada com outros aspetos que já foram referenciados no âmbito da condução do ensino, e sobre os quais tinha de estar atenta durante o decorrer das mesmas. Como já foi referido inúmeras vezes, a partir desta etapa de avaliação inicial o professor define os objetivos a serem abordados durante o ano letivo e durante que período de tempo isso deve ocorrer. No entanto, e de modo a garantir o ajuste do planeamento à evolução da aprendizagem de cada um dos alunos, é necessário realizar a avaliação formativa.

As informações recolhidas na avaliação inicial dos alunos e na avaliação formativa, ao longo do ano, permitem-nos estabelecer concretamente essas prioridades/objetivos e ajustar sistematicamente a atividade dos alunos ao sentido do seu desenvolvimento.

(Carvalho, 1994, p. 136)

De acordo com o Despacho Normativo nº 14/2011 de 18 de Novembro, a avaliação formativa “assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação”. Ainda segundo o mesmo documento, este tipo de avaliação “fornece ao professor, ao aluno, aos encarregados de educação e aos restantes intervenientes, informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho”. Neste sentido, a avaliação formativa foi realizada durante todo o ano letivo, tendo como base os objetivos definidos no período após a avaliação inicial, garantindo, assim, a coerência da avaliação realizada. No entanto, e ao contrário do que é referido no Despacho supra citado, os alunos apesar de serem informados, no início e final da aula, sobre os objetivos já adquiridos não tiveram acesso a uma informação mais específica sobre o seu percurso de aprendizagem que lhes permitisse acompanhar a sua evolução e saber exatamente quais os objetivos já cumpridos e em que nível de desempenho se encontravam. Também esta informação não foi transmitida aos pais ou encarregados de educação, de modo a também eles seguirem o percurso de aprendizagem do seu educando na disciplina de Educação Física. Para colmatar esta lacuna, que também foi identificada pelos professores orientadores, forneci a cada um dos alunos, durante a minha segunda etapa de formação, um documento individual (Anexo 17) no qual estavam descritos os objetivos a atingir em cada uma das matérias abordadas e

também uma grelha para registarem se já o tinham alcançado ou não. Apesar da importância que este documento tem, poucos alunos da turma lhe deram o devido valor uma vez que no final da etapa cada um deles me deveria ter entregue o registo e balanço da sua aprendizagem e apenas cinco alunos o realizaram. Ainda de acordo com os autores, realizei, com base na avaliação formativa, adaptações no planeamento inicialmente definido e nas tarefas de aprendizagem, pois vários alunos demonstraram uma grande evolução em determinadas matérias, como por exemplo, no voleibol, onde o grupo de alunos com um nível de desempenho mais baixo e o grupo de nível intermédio atingiram, na sua maioria, durante o segundo período, o nível prognosticado. Também a partir desta avaliação vários alunos passaram a integrar outros grupos de trabalho com nível de desempenho mais elevado. No final de cada etapa /unidade de ensino realizei um balanço (Anexo 18) da aprendizagem dos alunos, que no fundo era o culminar da avaliação formativa realizada durante esses períodos, e identifiquei assim as prioridades de desenvolvimento para a etapa/unidade de ensino seguinte.

Tenho falado de objetivos de aprendizagem e que a avaliação tem como finalidade verificar o cumprimento dos mesmos mas ainda não foram referidas as áreas de extensão da disciplina de Educação Física, que no fundo, é com base nelas que os objetivos e depois, os critérios de avaliação são definidos. Assim, e como refere Araújo (2007), a aptidão física, os conhecimentos e as atividades físicas constituem os objetos privilegiados na avaliação em Educação Física. Na área dos conhecimentos foram abordados assuntos como:

O relacionamento entre Aptidão Física e Saúde e a identificação dos fatores associados a um estilo de vida saudável, nomeadamente o desenvolvimento das capacidades motoras, a composição corporal, a alimentação, o repouso, a higiene, a afetividade e a qualidade do meio ambiente. Conhecimento e interpretação dos princípios fundamentais do treino das capacidades motoras, nomeadamente o princípio da continuidade, progressão e reversibilidade, relacionando-os com o princípio biológico da auto-renovação da matéria viva, considerando-os na sua atividade física, tendo em vista a sua Aptidão Física.

(Jacinto et al., 2001, p. 51)

Estes dois temas foram abordados sob a forma de trabalho escrito, realizado pelos alunos em grupo (de dois ou três), tendo sido cada um deles abordado no primeiro e segundo período, respetivamente. Em relação à aptidão física, os alunos

realizaram os testes do FitnessGram e foram avaliados, de acordo com as grelhas do Agrupamento em “apto” ou “não apto”.

Mas as três áreas de extensão da disciplina de Educação Física foram implementadas na avaliação dos alunos através da construção dos novos critérios de avaliação (Anexo 19) pelo núcleo de estágio. Nas reuniões iniciais do Departamento de Educação Física, onde foram apresentados os documentos reguladores, o núcleo de estágio constatou que a avaliação consistia em avaliar os alunos em três domínios, correspondendo a cada um deles uma percentagem: domínio das atitudes e comportamentos, ao qual correspondia 10% da avaliação, o domínio psicomotor e cognitivo que tinha o peso de 60% e o domínio da aptidão física que tinha os restantes 30% da avaliação. Deste modo, o tipo de avaliação posto em prática pelo Departamento de Educação Física não ia ao encontro do defendido pelo núcleo de estágio e também pelos autores acima referidos e por isso, surgiu a necessidade de criar uns critérios de avaliação que tivessem como base o PNEF e as normas de referência para o sucesso na disciplina de Educação Física. Os critérios foram assim construídos, no entanto, e tendo em conta a realidade da escola e das nossas próprias turmas, os mesmos não foram exatamente ao encontro do estabelecido nos documentos de referência (PNEF e normas de referência) de modo a permitir o melhor aproveitamento dos alunos na disciplina. Esta mudança dos critérios de avaliação foi realizada um pouco tarde, apenas no final do 1º período, e por isso não foi muito bem aceite pelos alunos, uma vez que os critérios de avaliação que lhes foram apresentados no início do ano letivo e com os quais já estavam familiarizados dos anos anteriores não iam ser postos em prática. Depois da controvérsia que esta alteração gerou na turma, a mesma acabou por ser aceite pois os alunos ficaram mais cientes dos níveis de desempenho através dos quais a sua aprendizagem era regulada, assim como das outras áreas de extensão que fazem parte da disciplina – aptidão física e conhecimentos. Ainda através destes novos critérios tornou-se mais fácil avaliar os alunos, pois já tinha como referência os níveis de desempenho e não as percentagens que estavam inicialmente definidas. Os dados recolhidos com a avaliação formativa permitiram-me identificar desde logo o nível em que os alunos se encontravam no final do período, facilitando todo o processo de avaliação sumativa. Mas o que é isto de “avaliação sumativa”? Já foi referida a avaliação inicial e formativa, que ocorrem no início e ao longo de todo o ano letivo, respetivamente, e no final de cada período deparamo-nos com a avaliação sumativa, que também se encontra descrita no Despacho Normativo nº 14/2011 de 18 de Novembro e que refere que “consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento

das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular”.

A avaliação das restantes áreas do estágio – 2, 3 e 4 – torna-se mais difícil de realizar uma vez que não existem critérios de avaliação estabelecidos que permitam definir o sucesso das atividades desenvolvidas. Neste sentido, e tendo em conta os objetivos de cada uma das áreas, vou focar a avaliação das mesmas nos aspetos que considero terem sido fundamentais para a sua completa e eficaz concretização.

No âmbito da área 2, e uma vez que foi realizada a apresentação pública do relatório de investigação, o núcleo de estágio entregou aos presentes uma ficha de avaliação da apresentação (Anexo 20). É com base na análise dos dados recolhidos através desta ficha que realizo a avaliação desta tarefa. Assim, posso afirmar que todos os presentes consideraram o tempo de apresentação adequado assim como o conteúdo da mesma como relevantes, tendo existido apenas uma resposta, que foi acrescentada ao questionário, que considerou como “pouco relevante”. Na questão seguinte, na qual os itens correspondentes deviam ser avaliados numa escala qualitativa, desde o Não Satisfaz (NS) ao Muito Bom (MB), posso concluir que a classificação que foi mais vezes atribuída, na maioria dos itens, foi a de “Bom”, tanto ao nível da cientificidade, como da criatividade, recurso audiovisual, da sequência adotada, dinâmica e clareza da apresentação e da gestão das intervenções. O último item – “Atitude perante o público” – foi o que obteve maior número de classificações como “Muito Bom”, o que demonstra o à vontade do núcleo de estágio neste tipo de intervenções, também fruto do trabalho realizado durante a formação inicial. As sugestões apresentadas também nestas fichas foram alvo de análise pelo núcleo de estágio de modo a no futuro as mesmas serem aplicadas em estudos de índole semelhante. Neste sentido, e refletindo sobre os dados recolhidos, posso afirmar que ao nível da apresentação, a área 2 do estágio tem uma avaliação positiva.

De acordo com o Projeto realizado para a atividade do terraço, para a avaliação do mesmo seriam analisadas as fichas de presença (Anexo 21) utilizadas para registar, em cada dia, o nome e turma dos alunos participantes. Através deste registo foi possível averiguar a assiduidade e o número de alunos participantes no projeto e também, verificar a evolução da participação dos alunos nas atividades desenvolvidas no terraço. Deste modo, o número de alunos presentes esteve sempre entre os vinte e trinta, sendo na sua maioria do 9º e 8º ano de escolaridade. A participação aumentou assim a partir de meados do segundo período, quando as condições climatéricas melhoraram. Durante o terceiro período, e pelo facto de este ter sido muito curto e de os alunos estarem preocupados com o final do ano letivo, a participação diminui. Este é o único critério de avaliação possível de aplicar neste tipo

de projeto e a sua análise permite verificar o sucesso da atividade. Na maioria das vezes eram os alunos os primeiros a chegar e esperavam ansiosamente pela chegada do professor ao terraço, mostrando a sua satisfação com a realização deste tipo de atividades, que lhes ocupava os intervalos e ainda lhes permitia realizar atividade física, desenvolvendo hábitos de vida saudáveis.

No âmbito do Desporto Escolar não existe uma avaliação a atribuir aos alunos no final de cada período letivo no entanto é necessário, tal como na área 1, realizar uma avaliação ao longo do ano que permita ajustar os objetivos traçados no início, após a etapa de avaliação inicial. Esta avaliação formativa, realizada em todos os treinos e durante os encontros/competições, permite ainda acompanhar a evolução dos alunos e informar os mesmos sobre essa mesma evolução. Deste modo, posso afirmar que tendo em conta o planeamento anual realizado, a maioria dos alunos do núcleo, principalmente aqueles que participaram desde o começo dos mesmos, ou seja, em Outubro, conseguiram alcançar o nível prognosticado – Parte Elementar. Outro aspeto positivo a realçar, foi o crescente número de alunos participantes no núcleo que iniciou os treinos com cerca de seis alunos e acabou praticamente com o dobro. Este facto realça ainda a concretização de um dos objetivos traçados no Projeto de Acompanhamento do Desporto Escolar que se prendia com a divulgação da modalidade de basquetebol na escola e de fazer também deste núcleo uma referência no Agrupamento, para além do núcleo de voleibol. O entusiasmo e motivação dos alunos em cada treino fazia-me ir para os mesmos com uma enorme satisfação e vontade de ensinar e interagir com eles. Era notório o gosto pela modalidade, o que vai ao encontro de outro dos objetivos definidos no projeto: “Desenvolver nos alunos desde cedo, uma vez que são do escalão de infantis, o gosto por esta modalidade (basquetebol) de modo a que continuem a praticá-la fora da escola e nos anos seguintes (continuidade do núcleo) ”.

A avaliação da área 4 vai ser realizada através de um balanço referente à minha participação nas atividades inerentes à direção de turma. Deste modo, posso afirmar que estive presente em todas as reuniões com os encarregados de educação e ainda estabeleci contacto com os mesmos através de conversas individuais ocorridas no final das reuniões. Como já foi referido em pontos anteriores deste documento, nunca me foi possível estar presente no horário de atendimento aos encarregados de educação, o que de certa forma limitou o meu contacto com os mesmos e ainda, a minha formação nesse âmbito, uma vez que as funções do diretor de turma não se prendem apenas aos alunos e aos restantes professores da turma, pois é ele também que estabelece o contacto mais direto com os pais ou encarregados de educação. Penso que este foi o único aspeto menos positivo no

desenvolvimento desta área do estágio, no entanto o contacto com a diretora de turma nunca foi comprometido assim como a transmissão de informação nos dois sentidos, ou seja, da diretora de turma para mim e o contrário. Através do desenvolvimento desta área tive também contacto com a burocracia que está inerente às funções de diretor de turma, o que no futuro me será bastante útil.

A avaliação da atividade do Inatel foi realizada através da elaboração do Balanço da Atividade do Inatel (Anexo 22), onde se encontra uma reflexão sobre o desenvolvimento da referida atividade. O projeto realizado, onde se encontra o âmbito, a finalidade, os objetivos e os aspetos metodológicos, foi o documento base para a elaboração do balanço, assim como a reflexão realizada pelo núcleo de estágio depois do término de cada dia da atividade, que ocorreu nos dias 22 e 24 de Abril, para o 11º e 9º ano, respetivamente e contou com a participação de cerca de 60 alunos. Através da análise deste documento posso referir que tanto os recursos materiais como os humanos foram assegurados, tendo o núcleo de estágio efetuado o levantamento do material necessário dias antes da realização da atividade e solicitado os espaços para a mesma. Em relação aos recursos humanos, para além do núcleo de estágio, ainda foi possível garantir a colaboração da diretora de turma do 11º A e da professora Teresa Palma, professora de Educação Física do 9ºA. A organização da atividade também registou um balanço positivo pois as tarefas calendarizadas foram cumpridas e os objetivos definidos foram atingidos, pois os alunos tiveram a oportunidade de realizar matérias que não podem ser lecionadas na escola, como a orientação, o ténis e o minigolfe. Em relação à participação, empenho e motivação, estas foram mais notórias nos alunos do 11º ano pois em todas as atividades que realizaram demonstravam satisfação e vontade de fazer mais e cada vez melhor.

#### **4. A formação pedagógica da professora estagiária**

A experiência pedagógica apresentada anteriormente neste documento e durante a qual são elaboradas inúmeras atividades no contexto do Agrupamento no qual o estagiário está inserido, permitem e têm como principal objetivo a sua formação como futuro docente. Deste modo, e com o decorrer do ano letivo, os sentimentos e experiências vivenciados pelo estagiário não são iguais pois as dificuldades sentidas e a aplicação de estratégias para as ultrapassar permitem que o mesmo adquira competências que o façam evitar novas dificuldades. O percurso de formação é assim marcado pela expectativa inicial, de entrar num contexto desconhecido e onde devem ser aplicados os conhecimentos teóricos adquiridos na formação inicial, pela

identificação das necessidades iniciais de formação e ainda, pelas dificuldades sentidas e aplicação de estratégias para as ultrapassar. Nos pontos seguintes é então apresentada uma reflexão mais pessoal sobre o percurso percorrido durante o estágio ao nível da minha formação pedagógica como futura docente.

#### **4.1. Expectativas e necessidades iniciais de formação**

Com o desenvolvimento da sua formação pedagógica num contexto real a expectativa do professor estagiário aumenta pois durante a formação inicial este passa apenas pela experiência de microensino, que de acordo com Onofre (1996, p. 91) corresponde à prática de ensino realizada em contexto simplificado e que se dirige quer à aprendizagem e aperfeiçoamento na utilização de procedimentos de intervenção pedagógica quer ao aperfeiçoamento dos mecanismos de decisão interativa. Esta experiência, que passa pela lecionação de duas ou três pequenas aulas junto dos alunos da sua turma, apesar de permitir ao futuro professor estagiário desenvolver a sua intervenção pedagógica, como já foi referido, não o coloca em contacto com a realidade que depois, durante o ano de estágio, vai encontrar. Assim, nesta situação de microensino, o futuro professor estagiário não está perante um conjunto de alunos que não conhece, pois vai lecionar a aula aos seus colegas de turma, e este facto leva ainda a que a motivação para a prática esteja sempre presente e que os próprios colegas “facilitem” a sua intervenção, o que na realidade não acontece, levando o professor a adotar estratégias para ultrapassar essas dificuldades. O contacto com a realidade realizado logo na Formação Inicial do professor estagiário é assim defendido por Onofre (1996, p.79) e o mesmo refere ainda que em Portugal, a formação dos futuros professores tem-se desenvolvido apenas em contexto simulado, sendo totalmente ignorada a dimensão concreta em que os professores irão exercer a sua atividade profissional.

O primeiro contacto com a turma é bastante importante para estabelecer desde logo uma boa relação com os alunos e conseqüentemente, um bom clima de aula. Apesar do nervosismo e ansiedade inicial que se fez sentir no primeiro dia de aula, os dois aspetos referidos anteriormente foram assegurados. A expectativa inicial levou-me a formar um conjunto de perguntas que durante os dias anteriores à primeira aula não me saíam da cabeça como: que alunos iria encontrar; qual a sua reação ao saberem que as aulas iriam ser lecionadas por uma professora estagiária; como me iriam receber; será que a turma tem problemas de indisciplina; será que os alunos gostam da disciplina de Educação Física; será que tinha capacidade para estar todo um ano letivo responsável por ensinar os alunos da turma e garantir a sua evolução. Depois do

primeiro contacto com a turma e com o decorrer das primeiras aulas da etapa de avaliação inicial, tornou-se importante identificar quais as necessidades iniciais de formação de modo a garantir também a evolução da minha aprendizagem. A supervisão pedagógica realizada pelos professores orientadores permitiu realizar isso mesmo, através do diagnóstico das dificuldades e conseqüente definição dos objetivos de formação. Mas o que é isto de supervisão? De acordo com Onofre (1996, p. 82)) é uma estratégia de formação onde existe um professor com experiência e um professor com menos, ou mesmo, sem experiência. A relação estabelecida entre os dois é realizada da seguinte forma: o primeiro recolhe e analisa informação sobre as dificuldades manifestadas pelo segundo, aconselhando-o a adotar medidas que permitam ultrapassar essas mesmas dificuldades.

Depois de diagnosticados os problemas e as dificuldades sentidas na fase inicial de formação, identifiquei as necessidades de formação, que de acordo com Onofre (1996, p. 99) correspondem às modificações que se desejam observar ao nível dos valores, capacidades, conhecimentos e comportamentos do formando face ao resultado da análise das dificuldades e problemas profissionais concretos, vividos pelos professores. Ainda de acordo com o mesmo autor, a determinação das necessidades de formação deve incidir sobre a deteção de problemas em assuntos relacionados com as áreas que correspondem às dimensões de intervenção pedagógica como a instrução, organização, disciplina e clima relacional. Perante esta afirmação, posso referir que ao nível da instrução a minha principal dificuldade foi na avaliação das atividades de aprendizagem e no acompanhamento dessas atividades, pois não conseguia, nas primeiras aulas, observar todos os alunos e realizar um juízo de valor sobre o seu desempenho, identificando o seu nível de desempenho, e também não focava o meu feedback no real objetivo da sessão e o mesmo não era específico, não transmitindo ao aluno a informação necessária para ele melhorar o seu desempenho. Em termos de Organização, a primeira dificuldade sentida foi relacionada com a gestão dos grupos, também diretamente relacionada com a gestão dos espaços, pois dividir a turma em grupos de nível e conseguir colocar todos em prática, num espaço reduzido como os ginásios do Agrupamento, não foi tarefa fácil. Em relação à Disciplina, a principal dificuldade sentida no início foi o facto de a turma ter alunos bastantes competitivos que por vezes, devido ao seu excesso de competitividade, realizavam comentários menos agradáveis com os colegas quando estes tinham um desempenho menos positivo. Por último, ao nível do Clima Relacional, não foram identificadas dificuldades na relação professor-aluno nem na relação dos alunos entre si, no entanto, e no que diz respeito à relação alunos-atividade, a situação já foi bem diferente. A dificuldade inicial sentida prendeu-se



assim com o facto de os alunos não terem aceitado e percebido desde logo a formação dos grupos de nível e a diferença nas tarefas de aulas realizadas por uns e por outros. Outra dificuldade inicial de formação, relacionada com o planeamento, foi a elaboração dos documentos como o Plano Anual de Turma e o Plano de 2º Etapa, etapa seguinte à de avaliação inicial.

Ao nível das restantes áreas do estágio não foram identificadas necessidades iniciais de formação, à exceção da área 3, onde a dificuldade inicial se prendeu com o facto de os conhecimentos, tanto didáticos como pedagógicos e teóricos da modalidade de basquetebol, não serem suficientes para garantir a correta e eficaz dinamização dos treinos e a consequente aprendizagem dos alunos. No entanto, e para ultrapassar de imediato esta dificuldade inicial, recorri ao estudo autónomo que corresponde a uma atividade individual de consulta a publicações relacionadas com os problemas detetados na formação e que deve ainda, culminar em registos sob forma de recensões bibliográficas, fichas de leitura ou arquivos temáticos (Onofre, 1996, p. 92). Através deste estudo adquiri mais conhecimentos sobre a modalidade de basquetebol, que foram fundamentais para conseguir acompanhar a atividade dos alunos e realizar o consequente feedback, para a realização do planeamento e ainda, como consequência, para melhorar a minha intervenção nesta matéria também junto da minha turma.

Depois de identificadas as dificuldades iniciais, formulei o Plano Individual de Formação (PIF) (Anexo 23) onde, para cada uma das áreas do estágio e respetivos objetivos, referi os documentos e atividades a desenvolver, as dificuldades sentidas e as estratégias para as ultrapassar. A elaboração deste documento permitiu também, durante a prática pedagógica, avaliá-la e regular assim todo o meu processo de formação. Deste modo, os relatórios de avaliação intercalar realizados no final de cada etapa de formação assim como a auto-avaliação foram elaborados com base no PIF, tal como defende Onofre (1996, p. 116) quando refere que nestas fases, depois de se refletir e discutir sobre o estado de evolução do formando face aos objetivos de cada etapa de formação, deve ser desenvolvido um relatório, procurando definir reformulações ou reforços ao Plano Individual de Formação.

Ao longo do ano letivo, e com maior incidência na primeira e segunda etapa de formação, realizei, para cada aula uma autoscopia, que de acordo com Onofre (1996, p. 92) é uma atividade de análise e reflexão individual sobre um determinado assunto ou episódio da formação que deve culminar no registo escrito sistematizado. Era realmente isto que realizava, pois após cada aula, ao final do dia, em casa, refletia sobre a mesma e tendo em conta as dificuldades iniciais identificadas, registava aquelas que já tinham sido ultrapassadas, o que tinha realizado durante a aula para as

ultrapassar e aquelas que ainda se mantinham e sobre as quais as estratégias aplicadas não tinham surgido efeito. As reuniões com os professores orientadores e a sua observação das aulas, denominada de Observação Pedagógica e que serve objetivos de diagnóstico de necessidades e de controlo da qualidade da formação didática (Onofre, 1996, p. 95), também contribuíram assim para a deteção das dificuldades iniciais e conseqüente definição das necessidades iniciais de formação. Deste modo, estas atividades asseguram a regulação de todo o processo de formação do professor estagiário ao longo do ano letivo, permitindo, tal como a autoscopia, identificar as dificuldades que já foram ultrapassadas, o que foi realizado para a ultrapassar e aquelas que ainda se mantêm. As reuniões eram assim de extrema importância para que, em conjunto, tanto os estagiários como os professores orientadores, conseguissem realizar uma reflexão e balanço da aula observada e identificar os aspetos positivos da mesma e aqueles a melhorar, tanto ao nível da intervenção do professor, como da organização da aula, das atividades desenvolvidas, do clima e da disciplina.

## **4.2. Dificuldades sentidas e estratégias aplicadas**

Apesar das dificuldades iniciais terem sido identificadas e definidas, assim, as minhas necessidades iniciais de formação, ao longo do ano letivo várias outras dificuldades foram surgindo e para as ultrapassar, de modo a garantir o sucesso da minha formação e também do estágio pedagógico desenvolvido no Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre, diversas estratégias foram postas em práticas. É com o deparar com as dificuldades que o professor estagiário “cresce” como futuro docente e se adapta às diferentes realidades que certamente irá encontrar ao longo da sua vida profissional.

No âmbito da área 1 do estágio, e mais propriamente ao nível da etapa de avaliação inicial, as dificuldades sentidas prenderam-se com o facto de selecionar objetivos representativos de cada nível de desempenho para construir o protocolo de avaliação inicial assim como os indicadores correspondentes para serem utilizados nas grelhas de observação. Visto que este período tem como objetivo diagnosticar o nível de desempenho de cada aluno nas diversas matérias, a recolha dos dados não foi tarefa fácil de realizar pois senti imensa dificuldade em conseguir observar todos os alunos em todas as matérias e ainda em realizar o diagnóstico e prognóstico da sua aprendizagem. Para ultrapassar a primeira dificuldade enunciada, analisei detalhadamente o PNEF, juntamente com os meus colegas, e esclareci as dúvidas

junto dos orientadores. Em relação ao diagnóstico e prognóstico do desempenho dos alunos, a estratégia que optei por utilizar passou por falar com os meus colegas de estágio, que observavam as minhas aulas e que conheciam assim os meus alunos, e ainda, por focar a minha atenção na observação dos alunos sobre os quais ainda tinha dúvidas sobre o seu desempenho e capacidade de evolução. Em relação ao planeamento desta etapa inicial, a principal dificuldade sentida prendeu-se com o facto de conseguir colocar todos os alunos em prática uma vez que os espaços eram reduzidos para a totalidade dos alunos da turma, e a situação privilegiada de avaliação era a de jogo formal, o que em certas matérias só era possível de ocorrer em campo inteiro. Para ultrapassar esta dificuldade, optei por aproveitar o espaço dos corredores laterais aos ginásios, colocando os alunos a realizar os testes do FitnessGram (e.g. teste dos abdominais, extensões de braços, senta e alcança) assim como exercícios de condição física. Outra estratégia utilizada foi a hétero avaliação, uma vez que em determinadas matérias foram os próprios alunos que observaram e avaliaram os seus colegas, tendo as grelhas de observação para registarem os dados recolhidos.

Após o período de avaliação inicial, e como já foi referido no presente documento, é construído o Plano Anual de Turma, documento onde o professor elabora um planeamento para todo o ano letivo, tendo em conta os dados recolhidos nas primeiras aulas. Realizar este planeamento foi de extrema complexidade para mim pois, como já referi, senti dificuldade em realizar um prognóstico para cada aluno, uma vez que não conhecia a capacidade de evolução de cada um, e também em determinar quais os objetivos que deveriam ser abordados em cada etapa do ano letivo. Esta situação vai assim ao encontro dos resultados obtidos por Teixeira & Onofre (2009, p. 1161) uma vez que as principais dificuldades dos estagiários no ensino se verificaram principalmente ao nível do planeamento. Ainda segundo estes autores, a tarefa de planear é sempre percecionada como complicada devido à complexidade e imprevisibilidade do ensino e ainda mais, no caso dos estagiários que têm a dificuldade acrescida pelo facto de planearem para uma realidade que desconhecem e da qual pouca ou nenhuma experiência têm (Housner e Griffey, 1991 citado por Teixeira e Onofre, 2009, p. 1161). Mas para ultrapassar esta dificuldade, as grelhas de observação preenchidas com os dados recolhidos durante a etapa de avaliação inicial foram criteriosamente analisadas e, com o decorrer do ano letivo, o Plano Anual de Turma foi alvo de adequações e de adaptações tendo em conta a evolução demonstrada pelos alunos. A dificuldade no planeamento das Unidades de Ensino foi sentida na seleção dos exercícios tendo em conta os objetivos a serem abordados no decorrer da unidade de ensino assim como a exigência da aprendizagem para cada aluno/grupo de alunos. Deste modo, a seleção de exercícios

mutuamente adequados aos objetivos e motivantes para os alunos foi conseguida através da consulta de bibliografia referente ao ensino das várias matérias assim como através de conversas com o orientador e colegas de estágio. Mas com o decorrer do ano letivo, a tarefa de planejar foi deixando de ser uma dificuldade pois já conhecia a capacidade de aprendizagem dos alunos, o que cada um conseguia ou não fazer e já tinha reunido uma panóplia de exercícios possíveis de aplicar com a turma, tendo em conta os objetivos da sessão. Deste modo, foi no decorrer do 1º período letivo que o planeamento foi considerado por mim a maior dificuldade sentida durante esta primeira etapa de formação, facto que é confirmado pelos resultados obtidos por Teixeira e Onofre (2009, p. 1166) uma vez que, quando analisada a evolução das dificuldades nos três períodos do ano letivo, verificamos que, em relação ao planeamento, a maior percentagem corresponde ao primeiro período, diminuindo progressivamente nos dois períodos seguintes.

Ao nível da condução da aula, e de modo a garantir a aprendizagem dos alunos, a principal dificuldade sentida foi a de conseguir focar apenas o meu feedback nos objetivos pretendidos para a aula, pois por vezes os feedbacks que realizava tinham como objetivo corrigir outro aspeto, que apesar de, por vezes, já ter sido abordado em aulas anteriores, não era o foco principal da corrente aula. Esta situação pode assim, levar a alguma confusão por parte dos alunos, pois a informação transmitida torna-se demasiada e não conseguem focar a sua atenção no objetivo inicial definido. Esta dificuldade vai também ao encontro dos resultados obtidos por Teixeira e Onofre (2009, p. 1161) pois a maior parte das dificuldades mencionadas no âmbito da instrução disseram respeito especificamente ao acompanhamento das atividades de aprendizagem, o denominado feedback pedagógico. A estratégia posta em prática para evitar essa situação passou pela análise, no dia anterior à aula, do plano de aula ou do plano de unidade de ensino correspondente, de modo a memorizar os objetivos pretendidos para a mesma. No que diz respeito aos procedimentos de prevenção e remediação dos comportamentos inapropriados dos alunos, senti, devido à presença de alunos muito competitivos na turma, que por vezes estes prejudicavam o bom clima da aula e a relação com os colegas, pois proferiam comentários pouco agradáveis quando estes tinham um desempenho menos positivo, que, a seu ver, prejudicavam a prestação da sua equipa. Para evitar este tipo de comentários, conversei com os alunos individualmente e chamei a sua atenção para a atitude pouco agradável que estavam a ter para com os seus colegas e até para comigo própria, prejudicando até o decorrer da aula. Esta situação foi assim ultrapassada, no entanto, sempre que existia um momento de maior exaltação por parte de um desses alunos, a minha atenção recaia logo sobre ele, mostrando o meu

desagrado com a sua atitude. Durante as duas etapas de formação, outra dificuldade foi-se mantendo, apesar das estratégias aplicadas para a ultrapassar. Esta dificuldade baseou-se então no facto de os alunos continuarem a jogar mesmo quando a atividade já tinha terminado e quando lhes era pedido também que arrumassem o material utilizado, colocando-o no carrinho. Para evitar esta situação foquei a minha preocupação em garantir que, logo que a atividade fosse dada como terminada, o carrinho se encontrava junto a mim e ainda, em responsabilizar os alunos envolvidos pelo tempo de aula perdido, que os impedia depois de ter maior tempo de prática. No início da aula, a adoção da organização dos alunos em meia-lua, facilitou a sua atenção na informação transmitida durante a instrução inicial, pois as conversas paralelas existente, e que me levavam por vezes a interromper a minha intervenção, diminuíram devido ao facto de muitos “pares” ou “grupos” de alunos ficarem separados.

Para manter o bom clima da aula, conseguido desde o início do ano letivo, é necessário ter em consideração não só a relação entre professor e alunos assim como a relação entre os alunos da turma e destes com as situações de aprendizagem. A este nível, a principal dificuldade sentida foi no âmbito da relação dos alunos com as situações de aprendizagem, uma vez que o facto de existir diferenciação do ensino, que para eles foi novidade, e de as tarefas da aula serem de diferente complexidade entre os grupos de nível, gerou um certo sentimento de injustiça entre alguns alunos da turma. No entanto, existiu uma melhoria entre o primeiro período e o segundo, uma vez que os alunos passaram a aceitar essa diferenciação da aprendizagem e a perceber que a mesma era realizada com o intuito de promover a evolução da sua aprendizagem nas diferentes matérias. A utilização do ensino recíproco, mais predominante no segundo período, levou também a que esta aceitação fosse mais notável. Esta foi assim a principal dificuldade sentida ao nível da relação dos alunos com as situações de aprendizagem, pois o facto de a turma ser bastante competitiva e de os alunos quererem sempre aprender mais e evoluir, levou a que estes se mostrassem sempre motivados e empenhados nas tarefas da aula, sendo apenas difícil para mim, selecionar exercícios motivantes e ao mesmo tempo adequados às exigências de cada um dos alunos/grupo de alunos.

Em relação à avaliação, que no estudo de Teixeira e Onofre (2009, p. 1161) também foi apontada como uma das principais dificuldades sentidas pelos estagiários, posso referir que não foi fácil conseguir observar o desempenho dos alunos nas aulas e realizar um juízo de valor sobre o seu desempenho, tendo em conta os objetivos cumpridos e não cumpridos. Logo na etapa de avaliação inicial, como já foi referido, foi difícil observar todos os alunos e diagnosticar o seu nível de desempenho assim

como, ao longo do ano, para realizar a avaliação formativa. No âmbito deste tipo de avaliação, e apesar de os alunos serem informados, no início da aula, sobre os objetivos da mesma, a principal dificuldade foi conseguir que os alunos fossem parte integrante da avaliação formativa uma vez que, apesar de lhes ter sido entregue uma ficha individual com os seus objetivos, de modo a realizarem o balanço da sua aprendizagem, poucos foram os alunos que lhe deram importância. Esta foi a estratégia utilizada durante o segundo período para garantir o acompanhamento dos alunos da sua própria aprendizagem, e até mesmo que este fosse também realizado pelos encarregados de educação. Já foi referida a avaliação inicial e formativa, mas também ao nível da sumativa o núcleo de estágio se deparou com dificuldades, uma vez que os critérios de avaliação utilizados e criados pelo Departamento de Educação Física foram alterados de modo a garantir a avaliação dos alunos nas três áreas de extensão da disciplina de Educação Física. Foram consultados então os documentos de referência como o PNEF e as normas referência para a definição de sucesso na disciplina mas mesmo assim o núcleo viu-se na necessidade de os construir tendo em conta também a realidade da escola e o nível das suas próprias turmas. A definição destes critérios só ocorreu quase no final do primeiro período e por isso os alunos só tiveram conhecimento da sua alteração na aula em que realizaram a auto avaliação, o que levou a que os mesmos tivessem de ser bem esclarecidos e bem justificada a decisão do núcleo em alterar os critérios já conhecidos por eles. Esta foi assim uma falha do núcleo pois de acordo com Araújo (2007) é no início do ano letivo que se ultimam os documentos que serão distribuídos e divulgados aos alunos e Encarregados de Educação, como o currículo e os critérios que estarão subjacentes à avaliação dos alunos.

O desenvolvimento do relatório de investigação, realizado no âmbito da área 2 do estágio, também criou dificuldades ao núcleo de estágio, começando logo pela identificação de um problema do grupo/departamento/escola que fosse pertinente de ser alvo de estudo. As estratégias utilizadas para ultrapassar esta dificuldade foram as seguintes: reuniões com os orientadores; consulta do projeto educativo do Agrupamento de modo a verificar quais os aspetos fortes e menos fortes que nele são identificados; discussão de hipóteses de temas com os professores da disciplina de Investigação Educacional uma vez que têm um maior conhecimento da bibliografia existente no âmbito do contexto escolar. A colaboração destes professores também foi essencial para a construção do quadro teórico de referência, através também da indicação de bibliografia relacionada com o tema depois definido. No entanto, a principal dificuldade sentida e que acabou por comprometer os resultados do estudo, esteve relacionada com o contacto com os encarregados de educação e a sua

consequente participação através do preenchimento dos questionários. Como já foi referido neste documento a estratégia a aplicar passaria não pelo contacto via e-mail mas sim pelo contacto presencial, entregando os questionários aos encarregados de educação nas reuniões realizadas no início do segundo período e recolhendo-os nessa mesma situação. Visto que a amostra foi reduzida e o praticamente idêntico “perfil” dos encarregados de educação participantes, levou a que o núcleo de estágio tivesse alguma dificuldade em interpretar os resultados, tendo em conta a sua pergunta de partida e o objetivo do próprio estudo. A dificuldade foi superada com a colaboração dos professores orientadores e o núcleo conseguiu assim apresentar as suas conclusões e um conjunto de soluções para o problema.

No desporto escolar, e uma vez que integrei o núcleo de basquetebol com o objetivo de melhorar os meus conhecimentos relativos a essa modalidade, não foi simples realizar o planeamento anual, no qual devem constar os objetivos a serem abordados assim como os exercícios a aplicar para os mesmos serem adquiridos. Deste modo, a principal dificuldade sentida para a construção deste planeamento foi a seleção de exercícios adequados aos objetivos definidos e simultaneamente motivantes para os alunos. O facto de o basquetebol não ser uma matéria sobre a qual possuía grande conhecimento, como já foi referido, levou-me a realizar pesquisas para conhecer exercícios e as metodologias adequadas ao ensino desta matéria. Outra dificuldade sentida prendeu-se com o aparecimento de novos alunos nas sessões de treino quando o planeamento já estava realizado, tendo sido reajustado depois às necessidades dos novos elementos. Esta situação prova mais uma vez a dificuldade em planear devido à imprevisibilidade do ensino.

A atividade desenvolvida no terraço, destinada aos alunos do 3º ciclo, só começou a ser dinamizada no início do mês de Novembro, tendo sido a primeira dificuldade sentida ao nível da compatibilização de horários entre os dois núcleos de estágio e as atividades de cada um deles. Depois de definido o horário, a atividade foi desenvolvida dentro da normalidade, não tendo existido dificuldades a ultrapassar. No entanto, e como sugestão do professor orientador, foi necessário elaborar um projeto desta atividade com o objetivo de ser mais dinamizada e até mais apelativa aos alunos participantes. Apesar do planeamento realizado, a atividade, por ser realizada num espaço ao ar livre, estava sempre dependente das condições climáticas e por isso mesmo, durante os meses de Inverno, a mesma foi poucas vezes realizada.

Em relação ao torneio inter turmas organizado pelos dois núcleos de estágio no final do segundo período, a principal dificuldade sentida na organização do torneio prendeu-se com os poucos espaços disponíveis para a realização dos jogos, visto que o terraço teve de ser posto de parte devido às más condições climáticas previstas, e

as muitas equipas que estavam inscritas no torneio. Para ultrapassar esta dificuldade foi necessário recorrer a uma nova organização do torneio, mais especificamente do torneio do secundário, passando o mesmo a estar dividido em anos de escolaridade (torneio do 10º ano, do 11º e do 12º) existindo depois no final, um grupo para decidir o vencedor do secundário.

No âmbito da direção de turma, elaborei o “Estudo de Turma” e, devido ao desconhecimento do *software* utilizado para analisar este tipo de dados, senti uma certa dificuldade em desenvolver o documento. Os meus colegas de estágio colaboraram comigo e antes de terminar a primeira etapa de formação o estudo estava terminado. O contacto com a diretora de turma e com os encarregados de educação foi sempre comprometido pela sobreposição de horário entre a minha aula e o horário de atendimento aos encarregados de educação. Apesar de não ser uma dificuldade, foi uma situação que não me permitiu estabelecer um maior contacto com os encarregados de educação e conhecer, também, as diversas razões que os levam a comparecer no seu horário de atendimento. No entanto, tentei colmatar esta “falha” através da presença assídua em todas as reuniões com os encarregados de educação ocorridas no início de cada período letivo de modo a conversar pessoalmente com aqueles que apresentavam qualquer dúvida ou insatisfação em relação à disciplina de Educação Física. O contacto e troca de informações com a diretora de turma nunca foi comprometido, apesar da incompatibilidade de horários, e a presença nas reuniões de conselho de turma também permitiram isso mesmo. Nestas reuniões, pela pouca experiência que tenho, não intervi muitas vezes no entanto, esta participação foi aumentando ao longo do ano letivo. A boa relação estabelecida com a diretora de turma levou a que não sentisse grandes dificuldades nesta área do estágio, tendo sido apenas a sobreposição de horários o fator mais prejudicial no desenvolvimento da minha formação nesta área.

As diferentes dificuldades apresentadas anteriormente, e que foram ocorrendo ao longo do ano, permitiram-me evoluir como futura docente e a desenvolver um conjunto de estratégias que levaram a que muitas dessas dificuldades fossem ultrapassadas. Assim, este tipo de reflexão, acerca das experiências vividas, permite ter maior consciência sobre as potencialidades, as dificuldades e as responsabilidades como professor estagiário e ainda, a conhecer e a avançar com estratégias e metodologias que permitam ultrapassar os obstáculos com que nos deparamos durante o estágio pedagógico.



## 5. Reflexão Final

O terminar deste processo de formação culmina numa ótima e enriquecedora experiência de aprendizagem que me prepara certamente para a minha vida futura, não só ao nível da disciplina de Educação Física mas também ao nível de outras atividades que posso desenvolver nesta área do desporto. É o fechar de uma etapa de formação, que foi desenvolvida ao longo de cinco anos, e o começo de uma nova etapa que será certamente influenciada pelos conhecimentos adquiridos durante esta experiência. O desenvolvimento do estágio no Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre permitiu-me também “crescer” como pessoa e desenvolver a capacidade de me adaptar a diversos tipos de situações. O facto de o próprio estágio estar dividido em quatro áreas, completamente distintas, permitiu isso mesmo.

Ao longo deste relatório são descritas as atividades desenvolvidas em cada uma das áreas no entanto as mesmas não são apresentadas individualmente, evitando a ilusão de que cada uma delas é independente e isolada das restantes, apesar dos diferentes objetivos que as constituem e das aprendizagens que são adquiridas em cada uma delas. Deste modo considereei que em todas as quatro áreas do estágio era necessário seguir um conjunto de três fases, sendo elas o planeamento da ação, a sua conceção e a conseqüente avaliação, garantindo assim o sucesso e favorável desenvolvimento da formação.

No entanto, existiu uma área que ao longo de todo o ano letivo exigiu uma atenção especial da minha parte pois o ensino da Educação Física, relacionado portanto com a área 1, é constituído por um conjunto de preocupações que devem assegurar o sucesso do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. O planeamento e conhecimento dos conteúdos são assim fulcrais para o desenrolar de todo o processo e auxiliar o próprio professor na condução das suas aulas. Mas para além do planeamento o professor é responsável por garantir um conjunto de condições que permitam a conceção do que planeou e um bom clima de aprendizagem aos seus alunos. Foi isso que me preocupei também em desenvolver ao longo de todo o ano letivo, pois considero que mais importante do que seguir o que está planeado é ter a capacidade de me adaptar à realidade e conduzir a aula de forma segura, responsável e com a certeza de que estou a fazer o melhor para a aprendizagem dos meus alunos. Senti isso inúmeras vezes durante o estágio e posso referir que em certos momentos, principalmente no início do mesmo, considerava o facto de não cumprir o planeamento como uma dificuldade a ser ultrapassada. Mas para garantir a aprendizagem dos alunos, o professor também necessita de observar o

seu desempenho e desenvolver um juízo de valor sobre o mesmo, que lhe permita depois adaptar o seu planeamento às necessidades identificadas e ajustar também a condução da sua aula. Assim, a avaliação do desempenho dos alunos decorreu ao longo de todo o ano letivo (avaliação inicial, formativa e sumativa) e através da sua aplicação ajustei por inúmeras vezes o planeamento, os exercícios a aplicar nas aulas e até os conteúdos a abordar em cada uma delas. No entanto, o desenvolvimento desta área também foi influenciado pelas atividades desenvolvidas nas restantes áreas do estágio, mostrando mais uma vez a relação que existe entre todas elas, pois, por exemplo, o planeamento realizado no âmbito da área 1 facilitou depois o planeamento para o desporto escolar assim como os conhecimentos adquiridos sobre a matéria de basquetebol influenciaram depois, positivamente, a condução das aulas desta matéria com a minha turma. Também as atividades de direção de turma – área 4 - permitiram-me conhecer melhor os alunos constituintes da turma, pois através da realização do Estudo de Turma percebi melhor as relações sociais existentes e a influência que as mesmas tinham sobre a organização dos alunos em grupos de trabalho.

Para as restantes áreas do estágio, e como já foi referido, também foram postas em prática as três fases de desenvolvimento de qualquer atividade. O planeamento foi assim fundamental para organizar periodicamente o desenvolvimento das atividades e assegurar o sucesso das mesmas. A reflexão realizada após a conceção das atividades, identificando os aspetos positivos e os aspetos a melhorar, torna-se necessária também para o desenvolvimento da formação do professor estagiário pois em atividades futuras, com características idênticas às da atividade já desenvolvida, pode pôr em prática aquilo que correu bem e melhorar os aspetos identificados como menos positivos.

Mas ao longo de todo este processo de estágio, o contacto e identificação de dificuldades também foi fundamental para garantir a evolução da aprendizagem da professora estagiária assim como a aplicação de diversas estratégias para as ultrapassar. O bom clima sentido no seio do núcleo de estágio, o espírito de companheirismo e cooperação demonstrados pelos meus colegas foram essenciais para ultrapassar as dificuldades. Assim, considero fundamental o facto de o estágio ser desenvolvido no seio de um grupo pois permitiu a partilha de conhecimentos, a troca de experiências e o apoio nos momentos de maior tensão e dificuldade. Os conhecimentos transmitidos pelos professores orientadores assim como as suas sugestões também foram essenciais.

Concluindo, e visto que a própria estrutura do relatório remete para isso mesmo, existe uma íntima relação entre todo o trabalho desenvolvido ao longo do

estágio (realização da prática pedagógica) e a formação pedagógica da professora estagiária. Isto quer assim dizer que o tronco comum do estágio pedagógico é o estabelecimento desta mesma relação no sentido em que esta experiência prepara o estagiário para a sua função futura como docente, envolvendo não apenas a turma a que leciona a disciplina de Educação Física mas toda a comunidade educativa que integra o Agrupamento onde está inserido. Todas as áreas levam assim o estagiário a planear a sua ação, a conceber aquilo que foi planeado e a refletir sobre tudo o que foi concebido (avaliação dos alunos no caso da área 1 e avaliação das atividades, no caso das restantes áreas). A passagem por estas três fases e as dificuldades sentidas em cada uma delas assim como a aplicação das estratégias para as ultrapassar remete para uma formação eficaz e contínua do professor estagiário preparando para a nova etapa de docência que se avizinha. E é assim que me sinto após a longa reflexão realizada sobre todo o ano letivo que passei no Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre e que culmina neste relatório. Apesar de ter noção que ainda existem algumas arestas para limar, considero que esta experiência de estágio foi muito rica em termos de conhecimento e de aprendizagem e que certamente me permitiu tornar numa profissional do exercício e do desporto muito mais capacitada para responder às exigências desta área e das profissões que lhe estão inerentes. Não conto assim exercer apenas ao nível da Educação Física e por isso mesmo remeto esta formação para as outras áreas que também são do meu interesse, especificamente a área do fitness e do ensino da natação. Considero assim, como já referi no início desta reflexão, que muito do conhecimento adquirido neste estágio será aplicado nessas áreas, pois tal como no ensino da Educação Física é necessário planear, conceber e depois avaliar aquilo que foi concebido, tal como em quase tudo na vida.

## Bibliografia

- Araújo, F. (2007). A avaliação e a gestão curricular em Educação Física. *Boletim SPEF*, (32), 121–133.
- Bento, J. (1998). *Planeamento e avaliação em Educação Física*. 2ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte.
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das aprendizagens em Educação física. *Boletim SPEF*, (10/11), 135–151.
- Dias, L., & Rosado, A. (2003). A avaliação formativa em educação física. In Faculdade de Motricidade Humana (Eds.), *Pedagogia do Desporto Estudos 7* (pp. 73–102). Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Jacinto, J., Carvalho, L., Comédias, J., & Mira, J. (2001). Programa Nacional de Educação Física (reajustamento). Ministério da Educação.
- Marques, R. (2002). *O diretor de turma e a relação educativa*. Lisboa: Editorial Presença
- Mesquita, I. & Rosado, A. (2011). O desafio pedagógico da interculturalidade no espaço da Educação Física. In Rosado, A. & Mesquita, I. (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 21–37). Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Ministério da Educação, D.G.I.D.C. (2013). Programa do Desporto Escolar para 2013-2017. Desporto Escolar.

Onofre, M. (1995). Prioridades de formação didática em educação física. *Boletim SPEF*, (12), 75–97.

Onofre, M. (1996). A supervisão pedagógica no contexto da formação didática em Educação Física. In Costa, F., Carvalho, L., Onofre, M., Diniz, J. & Pestana, C. (coord.) *Formação de professores em Educação Física. Concepções, Investigação, Prática* ( pp. 75–118). Cruz Quebrada: FMH.

Rosado, A. & Mesquita, I. (2011). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. In Rosado, A. & Mesquita, I. (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 69–130). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Rosado, A. (2003). Conceitos básicos sobre planificação didática. In Faculdade de Motricidade Humana (Eds.), *Pedagogia do Desporto Estudos 7* (pp. 27–47). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Rosado, A., & Silva, C. (1999). Conceitos básicos sobre avaliação das aprendizagens. In Faculdade de Motricidade Humana (Eds.), *Pedagogia do Desporto Estudos 6* (pp. 21–44). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Teixeira, M., & Onofre, M. (2009). Dificuldades dos professores estagiários de educação física no ensino. Sua evolução ao longo do processo de estágio pedagógico. *Actas X Simposium de Poio*, 1159–1170.

#### **Documentos consultados:**

Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre (2009). *Projeto curricular*. Lisboa. Documento não publicado.

Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre (2011). *Projeto Educativo*. Lisboa. Documento não publicado.

Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre (2013). *Referencial de Avaliação do Secundário de Educação Física*. Documento não publicado.

Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre (2013). *Regulamento Interno 2013-2014*. Lisboa. Documento não publicado.

Despacho Normativo nº 14/ 2011 de 18 de Novembro. *Diário da República nº 222 – 2ª série*. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Guia de Estágio Pedagógico – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, 2013-2014

## **Anexos**

(Em CD, formato digital)